Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2812unse

ANO XXVIII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Janeiro de 1953—N.1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Relembrando uma Data . . . . . *Redação*
O Desenvolvimento de uma grande Mediunidade . . . . . *Ismael Gomes Braga*
Leitura «Por Alto...» . . . . . *Deolindo Amorim*
Sôbre o Divórcio . . . . . *Carlos Imbassahy*
Contra Fatos... . . . . *Spártaco Banal*
Educando a Alma . . . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*
Crônicas Doutrinárias . . . . . *Pereira Guedes*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
A Técnica da Materialização à Luz do Dia . . . . . *Amy Marchall*
Uma Grande Vida . . . . . *Francisco Klörs Werneck*
«Dante Alighieri—O Ultimo Iniciado» *Redação*
A Sobrevivência do Homem . . . *Dr. Martins de Oliveira*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Pão Nosso
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Janeiro de 1953 — NUM. 12

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Relembrando uma Data

TRANSCORRE no próximo dia 30 o 15.° aniversário do passamento do nosso inesquecível companheiro Cairbar Schutel, no seu tempo o espírita *número um*, na frase de outro companheiro nosso, o Prof. Leopoldo Machado.

Como já dissemos certa vez, somos suspeitos para sancionar a afirmativa dêsse incansável seareiro que é Lepoldo Machado, e isto porque nos consideramos membros familiares de Cairbar, em vista do longo tempo que com êle trabalhamos, participando das suas alegrias e tristezas como se fossem nossas, e também em razão da força do ideal que professamos — a Doutrina Espírita — que une de maneira inquebrantável as creaturas que procuram abrigo à sua sombra, depois de longa caminhada sob o sol escaldante das incertezas da vida.

Temos o Cristianismo como Árvore da Vida. E não é sem razão que o dizemos, de vez que, à sua sombra, encontramos repouso e refrigerio, e saciamos a fome com os seus frutos sazonados, e nos dessedentamos com a sua seiva cristalina. Cairbar era um ramo dessa Árvore que cada vez mais cresce em todas as direções, agora mais do que nunca, graças ao Espiritismo, o Paracleto da Promessa. Os que tinham a ventura de com êle travar relações, sentiam-se possuídos de um grande bem estar ante a sua presença. A sua palavra agradava até os que, por causa da Doutrina, o combatiam. E muitos tornavam-se seus amigos, quando não conseguissem professar os postulados espíritas. Era tão amigo do pobre como do rico, do sábio como do ignorante. E dava grande atenção aos pequeninos, a quem socorria com o que estivesse ao seu alcance, plenamente certo de que estava pondo em prática os preceitos evangélicos.

CAIRBAR SCHUTEL

No terreno da propaganda, Cairbar Schutel foi um gigante. E foi um gigante porque lutou quasi sozinho, com poucos companheiros que só lhe podiam dar a boa vontade. Sem recursos, metido no sertão, enfrentando obstinados contraditores das seitas humanas, que se apresentam como legítimos porta-vozes do cristianismo, mas que na verdade nada têm de comum com os ensi-

nos, preceitos e exemplos de Jesus, Cairbar Schutel rompeu as barreiras da hipocrisia e da má-fé dos pseudos representantes do Cristo na terra e desfraldou a bandeira da Imortalidade sob a égide do Espiritismo, o Paracleto da Promessa de Jesus.

Executando o seu vasto programa de trabalho, Cairbar Schutel fundou êsses dois órgãos que correm o Brasil de norte a sul levando bem alto o nome de nossa Pátria no campo da espiritualidade — «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», cujas tiragens aumentam cada vez mais, o que vem provar dois fatos: a sua aceitação e o progresso da Doutrina, agora em marcha vitoriosa. E os seus livros? Cometeriamos séria falta se não mencionassemos nêste pequeno artigo a enorme procura dos seus livros, que se exgotam rapidamente, não nos dando oportunidade para tirarmos a tempo novas edições. Aliás, como já frisámos muitas vezes, os livros espíritas estão saindo a granel, sinal claro de que a Doutrina, apesar da tremenda guerra que lhe movem os seus opositores, os fariseus de todos os tempos, marcha a passos de gigante, esmagando sob a força dos seus argumentos, fatos e lógica todas as investidas do espírito de sistema, que age sempre em defesa dos seus interêsses materiais e pessoais.

Ao registrar o 15.º aniversário do desincarne do nosso amado companheiro Cairbar Schutel, agradecemos-lhe de coração todos os favores que nos tem prestado lá de cima, sem os quais pouco ou nada teriamos feito no desempenho de uma tarefa que prometemos levar até o fim da jornada terrena, qual seja a de pregar os postulados espíritas.

Que Jesus proporcione a êste caro companheiro felicidade e progresso, são os votos que formulamos ao noticiar mais um aniversário do seu regresso à Pátria Espiritual.

O DESENVOLVIMENTO DE UMA GRANDE MEDIUNIDADE

V

Na sessão de 28 de Agosto de 1952, além de diversas mensagens em prosa, a médium D. Dolores Bacelar recebeu duas em versos, ambas assinadas por A. C. Gonçalves Crespo. São estas as que mais nos impressionam, porque ninguém seria capaz de fazer versos assim: o lapis corre frenéticamente sôbre o papel, sob os nossos olhos, de umas dezenas ou centenas de assistentes, de olhar fito na mão da médium.

Nenhuma hesitação, nenhuma parada para ler o que foi escrito, nenhuma emenda, nenhuma mudança do lugar de uma vírgula: tudo já veiu feito e apenas agora é passado para o papel numa agitação fébril da mão direita da médium, enquanto a esquerda ampara a cabeça e impede que os cabelos lhe cáiam sôbre o rosto. Quando se detem, a obra está acabada. A médium desperta daquêle estado de transe e fica um tanto assombrada diante da pirâmide de papel escrito: diversas comunicações de interêsse de assistentes, um longo capitulo do romance «*Ás Margens do Eufrates*» e duas poesias.

São realmente de Antônio Cândido Gonçalves Crespo êstes versos? Não se sabe, mas o que se sabe muito bem é que não são da médium, porque mesmo em semanas de esforços, em plena calma, não seria ela capaz de fazer êstes poemetos; e com toda esta rapidez nenhum gênio da poesia seria capaz de escrevê-los.

Abrimos dois dicionários biográficos para saber quando viveu êsse poeta. Foi de 1846 a 1883. Nasceu nas proximidades do Rio de Janeiro e formou-se em direito pela Universidade de Coimbra e logo depois de formado casou-se com a escritora D. Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921).

Diz um biógrafo: «Os seus versos delicados, sonhadores, preciosamente cinzelados, têm um encanto particular indefinível», e outro: «Dotado de notável delicadeza de sentimento, a que aliava um perfeito lavor de forma, sua poesia exerceu grande influência quer em Portugal, quer no Brasil, e é ainda hoje considerada como das melhores que a língua portuguêsa já produziu».

Êsse gênio sublime partiu da Terra há quasi noventa anos, deixando uma

jovem viúva que ainda viveu 38 anos. Tinha êle apenas 37 anos quando desencarnou e já possuía um nome imortal como poeta. Agora volta, porque os tempos são chegados, a colaborar na profunda transformação do mundo que se está processando em nossos dias. Tem duras dificuldades a vencer: afinar sua lira por outro diapasão, usar um instrumento que não é o seu e que há de exercer influência sôbre a produção.

Dentro de que limites está êle afinado com a médium, uns 50 %, uns 75 % ? De certo que não 100 % ! Mas a sua finalidade hoje não é sómente criar beleza: é muito maior, é educar o homem para que êste se salve de sua própria inferioridade. Já não é apenas o cantor, mas acima de tudo o doutrinador. Talvez que a crítica literária possa apontar muitas falhas de técnica em seus versos atuais; mas o moralista não lhes poderá encontrar falhas. Eis os versos:

Ave Maria

Ave Maria! Estrela matutina!
Banha-nos com a tua luz divina,
Envolve-nos em teu esplendente olhar!
Estende sôbre nós teu áureo manto,
Enxuga-nos dos corações o pranto,
Vem nos guiar!

Bálsamo dos Céus, nossa dor acalma!
Acende a fé em nossa gélida alma,
Para colhermos da virtude a palma,
Vem nos curar!

Das vias dolorosas desta terra,
As penumbras afasta! Extingue a guerra,
Os calvários sem fim! Tudo que aterra,
Que faz chorar!

Cobre o mundo de luz esplendorosa,
De perenes Auroras côr de rosa,
E de luar!

Desce aos abismos, as almas inflama!
Abrasa todas de divina chama!
Para os salvar!

Virgem Maria! Mãe da Cristandade!
Doira com tua luz a Humanidade,
Oh! Estrela que a todos alumia!
Guia-nos à Amplidão pura dos Céus,
Ao Reino do Teu Filho! Aos Pés de Deus!
Ave Maria!

Bênçãos de Deus

A vida, para uns, é fardo pesado...
Para outros, é tão leve quanto o arminho!
Uns, mimosos da sorte, têm bom fado;
Outros, párias da vida, só espinho.

Porém, bendito aquêle irmão que chora,
Sem da estrada de Deus tentar fugir!
Nos Céus o aguardará fulgente aurora!
Ricas mésses terá em seu porvir!

Triste de quem na terra teve sorte,
Mas não quís dividi-la com ninguém...
Certo há de mendigar depois da morte,
Porque nos Céus nenhum tesouro tem.

Feliz quem soube ser na vida um sol,
Em dádivas de luz e de calor!
Feliz quem nesta terra foi faról,
Salvando muitos dêste mar de horror!

Chovam bênçãos de Deus ao que um dia,
Por entre abrolhos, soube colher rosas,
E ofertá-las depois com alegria,
A todas as criaturas inditosas!

Os competentes em crítica literária comparem e julguem os versos; apontem os senões que encontrarem; digam-nos até onde o poeta se identifica com êstes poemetos. É êste o seu dever para nos esclarecerem a todos e só teremos que lhes agradecer a crítica.

Para nós e principalmente para a juventude espírita que vai conhecer êstes poemetos em livros e revistas o interêsse é outro: temos uma delicada prece a decorar e uma lição, uma lição em linda forma e que nos resume as Bem-Aventuranças do imortal Sermão da Montanha, cuja forma literária deve ter sido julgada muito pífia pelos críticos literários do primeiro século, em comparação com outros discursos e poemas já então existentes nas grandes línguas de cultura.

O ensinamento que estas cinco quadras encerram é de verdades eternas e que jamais poderão ser olvidadas, porque a dor se encarregará sempre de nos lembrar delas, das verdades eternas aquí tão lindamente expressas.

Não sabemos se o poeta mesmo um dia retocará êstes versos. É possível que o faça, como outros já têm feito; mas sabemos que êstes pensamentos revelam uma alta origem e só por isto já são imortais.

A poesia mediúnica, nos mais diversos estílos, quando recebida mecânicamente, com rapidez vertiginosa e sob os nossos olhos, tem uma fôrça que esmaga todas as teorias dos adversários da Terceira Revelação. A única teoria dos nossos adversários, ainda hoje estultamente repetida de vez em quando, para explicar a existência da poesia mediúnica, é a do pastiche: o médium estudaria muito tempo os estílos dos diversos poetas, depois conseguiria fazer versos nos diversos estílos.

Como é infantil, indigna de pessoas adultas, tal hipótese!

O médium escreve igualmente no estílo de pessoas que nunca publicaram trabalhos, que só e mal sabiam escrever missivas familiares; no estílo de poetas e prosadores que êle nunca leu, e sempre sem pensar para redigir, numa rapidez impressionante e que o escritor mesmo não tinha em vida.

Quem crê em pastiche desconhece completamente a psicografia: nunca assistiu aos trabalhos de um grande médium como Francisco Cândido Xavier ou Dolores Bacelar.

Para as pessoas que estudam o mistério dos números, vamos registrar aquí, de passagem, que o nome do nosso Mestre tem o número 700 e o mesmo ocorre com o nome desta médium em desenvolvimento. Em ambos os nomes se encontram os algarismos romanos D C L L (ALLAN KARDEC e DOLORES BACELAR). Somando o valor destes algarismos temos: D=500 + C=100 + L=50 + L=50 = 700.

Ainda outra coincidência digna de nota: essa médium assina hoje ordináriamente apenas Dolores Bacelar, mas o seu nome completo e na grafia usada quando ela se casou é MARIA DOLORES SALLES ARAUJO BACELLAR. Em algarismos romanos o U é igual a V e o J=I.

Contadas as letras do nome oficial dela, temos: M (1000), I (1), D (500), 5 + L (250), C (100), U (5), J (1) = 1857.

O nome oficial de Francisco Cândido Xavier é FRANCISCO DE PAULA CÂNDIDO, no qual aparecem três vezes D (1500), três C (300), U (5), L (50), dois I (2), somando igualmente 1857.

Ora, 1857 foi o ano do aparecimento de «O Livro dos Espíritos» e nós o festejamos como o nascimento do Espiritismo codificado.

Mero acaso cego, ou uma matemática divina que nós não compreendemos? — Exclamemos com Camões:

«Vejam agora os sábios na Escritura,
Que segredos são estes da natura».

Ismael Gomes Braga.

Leitura "Por Alto..."

Deolindo Amorim

Há certas questões, principalmente de natureza filosófica, cuja discussão é sempre oportuna, embora não sejam questões práticas ou imediatas. Nunca é demais insistir, por exemplo, na atualidade da obra de Allan Kardec, justamente porque nem todos aquêles que formam nas fileiras espíritas conhecem bem as idéias do Codificador da doutrina. Ainda há poucos anos, ilustre sacerdote brasileiro, em artigo publicado no «Jornal do Brasil», fez uma observação interessante a respeito das chamadas culturas de «oitivas». Disse êle, com inteira razão, que no Brasil se faz muito estudo de «oitiva» ou, como dizia o polígrafo Carlos de Laet, muita leitura por «alto». Realmente, apenas com alguma «leitura por alto», quasi sempre mal assimilada, muita gente se julga em condições de pontificar sôbre Espiritismo ou sôbre quaisquer outros assuntos menos comuns. Observava então o criterioso padre, hoje cônego, em seu artigo no «Jornal do Brasil», que muita gente, por exemplo, fala sôbre Augusto Comte mas nunca leu a Filosofia Positiva do pensador de Montpolier; muita gente escreve sôbre o Espiritismo — dizia corajosamente o padre — mas nunca leu Allan Kardec, e assim por diante. Tem toda razão o sacerdote.

Justamente por falta de leitura das obras básicas do Espiritismo é que muitas pessoas de relativa cultura, algumas delas possuidoras de cursos superiores,

chegam a dizer que não estamos mais na época de Kardec, que a Codificação de Kardec é velharia, etc. Para destruir tais suposições, basta citar que as obras de Kardec estão sendo reeditadas constantemente. Se isto acontece, é porque as obras de Kardec têm conteúdo filosófico, tem substância, têm consistência moral e doutrinária para enfrentar os problemas da atualidade. Agora mesmo, estão sendo lançadas na França duas edições do «Evangelho Segundo o Espiritismo» e da «Gênese» de Kardec. Êste fato, por si só, já demonstra que a filosofia espírita continua a ser uma fonte de conhecimentos capaz de guiar a humanidade, nesta hora de incerteza e subversão moral em toda parte.

A propósito da publicação de mais duas edições dos livros de Kardec, disse o jornal «Survie» (órgão da União Espírita Francêsa):

> *«O interêsse dessas obras não póde escapar a cada um daqueles que se interessam pela ciência espírita».*

Se, finalmente há interêsse pelas obras de Kardec, e na França, país culto, país que já teve, como se sabe, o orgulho de se considerar, então, o «centro intelectual do mundo ocidental», é mais do que evidente que tais obras têm base forte, idéias atuais, princípios filosóficos que podem orientar o homem moderno, apesar de tantas e tantas doutrinas «salvadoras» que têm pretendido mudar o rumo da vida.

Sôbre o Divórcio

CARLOS IMBASSAHY

COMO o divórcio é matéria ventilada no «Livro dos Espíritos», não me parece que se tornem despiciendas algumas considerações sôbre o caso.

Enviaram-me dois recortes: Num, o Padre Câmara trata do projeto Carneiro, sob o seu lado jurídico e denomina-o — o projeto monstro, a heresia jurídica. Isto, porque êle estabelece anulação nova para fatos posteriores ao casamento, quando as causas de nulidade — diz êle — são anteriores ou no máximo concomitantes à celebração.

O Código diz:

«E' anulável o casamento se houver por parte de um dos nubentes, ao consentir, êrro essencial quanto à pessoa do outro».

E o ilustre sacerdote indaga:

«Como póde ser enquadrado aí um abandono do lar, uma infidelidade ocorrida 20 anos depois, para ser êrro de pessoa?»

Mas eu diria que, pelo fato de ser praticado o delito posteriormente ao casamento não se segue que deixasse de haver êrro ou engano. Quando o homem ou a mulher casou não sabia um que o outro era canalha, desonesto, patife, ladrão. Logo havia êrro, e êrro anterior. A ação delituosa explodiu posteriormente, apenas.

Depois, as estatísticas. Reservamo-nos para um estudo demorado. No mais, os velhos chavões: *o prejuizo da próle... o filho é indesejável no lar sem estabilidade...*

Pelo visto, o lar com estabilidade é o criado pelo desquite existente, ou então a estabilidade está nos lares inexistentes. Porque os filhos costumam aparecer com lares ou sem lares, com divórcio ou sem divórcio.

E pararam aí as razões do Padre Câmara.

Está êle, provavelmente, acostumado aos casos de arrependimento. Se um cidadão arrepende-se antes de morrer, salva-se. Se o arrependimento vem depois, está perdido. Há uma fase precisa para a contrição. Assim, com o conúbio. Se o êrro é anterior ao casamento, muito bem. Se vem depois, *tollitur questio.* O inferno das dores conjugais está para os cônjuges como o inferno eterno para o pecador. Os casos têm que ser resolvidos antes de entrar no casamento e no inferno. *Depois, lasciate ogni esperanza...*

* * *

Agora outro anti-divorcista, o Sr. Paulo Sá.

Como se fala na «liberdade» de casar e separar livremente, o escritor acha que, a invocar-se esta razão, deveriam também ficar livres os instintos homicidas, os do amigo do alheio...

Muito parecido. Outra parecença: Diz-se que o divórcio só separa o que de direito está separado, e que é hipocrisia, nêsse caso, manter o consórcio. Replica o Sr. Sá:

«Sejamos sinceros até o fim; por que, então, permitir, a falsidade e o engano quando se está diante do assassinato, do roubo, do vício, de todos os crimes e violências? Com o argumento da sinceridade, todos os crimes deveriam ser permitidos por lei».

Confesso que não entendi a relação que há entre os *crimes e o fingimento de uma união* entre pessoas que se detestam. Vejamos: Há um casal onde um cônjuge póde ser algóz e outro vítima. Um dêles sofre as consequências da insensatez, da brutalidade ou da desonestidade do outro. Pois deixemos assim. Não será hipocrisia vê-los como dois anjos, pois então teriamos que notar hipocrisia nas violências, nos furtos, nos assassínios...

Esta lógica do Sr. Sá é de deixar atônito um qualquer.

O ilustre articulista tem, entretanto, um remédio para o caso:

«Se há casamentos infelizes e quasi desfeitos, procuremos evitar que cheguem a essa situação».

Aí está uma situação fácil, que ainda não ocorrera a ninguém: — *Procuremos evitar.* Tão simples!

Como, porém, evitar, não nos explicou. Como se modificariam os sentimentos de um desonesto, a dureza de um perverso, os maus instintos de um bruto, não nô-lo disse. «Procuremos evitar», e cada um que se arranje como puder e quiser. Vá evitando...

De maneira que o Sr Sá alvitra um medicamento que as religiões e as filosofias ainda não descobriram e a Ciência nem o tentou. O que êle quer é o que há milhares de anos, em todas as regiões, se vem procurando sem o menor resultado — a reforma do caráter.

Pois nada de divórcio. Busquemos de um jato essa reforma, e está solucionado o problema, na opinião do Sr. Sá.

Temos as estatísticas, e o escritor nos diz que nos E. E. U. U. sobem a 50 mil por ano o número de mães não casadas. Donde conclui que o divórcio não acabou com a insinceridade.

Mas quem diria que a instituição, ou mesmo a simples palavra divórcio terá o condão de estabelecer a pudicícia universal? O divórcio tem por fim libertar da escravização conjugal; permitir ao esposo enganado, injuriado, maltratado, desonrado pelo outro, o de poder constituir um lar feliz. Que terá isto com as mulheres que preferiram o amor livre? Ou deixará de haver hipocrisia numa falsa união porque mulheres solteiras tiveram filhos?

Ninguém acreditará que o divórcio modifique as personalidades, que faça toda a gente ir entrando na linha... Seria um poder mirífico ainda não vislumbrado.

Tratando do argumento contratual, apresenta-nos esta hermenêutica:

«Não é possível, mesmo quando ambos os cônjuges o quiserem, permitir-lhes incluir a cláusula do divórcio, que não apenas a êles, mas a tantos outros irá atingir».

Como vai atingir os outros se a cláusula é singular? Se se estabelece num contrato de locação que o aluguel será de tanto, quererá dizer que todos os demais locadores e locatários serão obrigados por aquela quantia? Salvo se o A. pretende que os demais vão na esteira. Não compreendo, porém, porque, ao se separarem duas pessoas que se detestam, vá o caso influir nos casais amantíssimos.

Outra dúvida: Por que o divórcio provocaria o desastre que prenuncia o A. e tal não se dá com o desquite? Ora, o desquite aí está; separam-se os casais e vai cada um para o seu lado. Não deveria haver mais esposos juntos, não só porque iria atingir os outros, como porque *«essa possibilidade de separação afetaria prejudicialmente todos os casamentos».*

Finalmente, apresenta-nos um exemplo edificante:

«Eu posso, ou não, tomar o trem que vai para S Paulo; uma vez que o tome não estou mais livre de fazê-lo ir para Belo Horizonte ou Caixa Pregos. Essa mudança de itinerário iria prejudicar todos os passageiros, tal como se eu quisesse mudar a estrutura da instituição do meu casamento».

O Sr. Sá continua a não ser feliz nas comparações. Necessáriamente, se quisesse mudar o itinerário, prejudicaria os

demais passageiros. Mas, porque, ao separar-se da consorte, *quod Deus avertat*, se a tem, iria molestar os que não têm razões para isso ou não teriam nada com a separação do Sr. Sá ?

O pararelo é outro. E' que o viajante póde tomar o trem para S. Paulo e no meio do caminho lhe dar na telha ir para Caixa Pregos. Mudar o itinerário do trem seria, de fato, uma estupidez, mas ninguém o impediria de saltar em qualquer estação e tomar o rumo que entendesse. O que deveria ser supinamente absurdo era obrigá-lo a ir dar com os ossos em S. Paulo, podendo transferir-se na primeira parada, só porque os outros passageiros estavam de bilhete para a capital paulista.

CONTRA FATOS...

SPÁRTACO BANAL

VI

Uma História Singularissima

O Espiritismo está pondo as últimas pás de cal sôbre a sepultura do materialismo agonizante.

Os fenômenos de materializações de espíritos que se correspondem com os seus irmãos terrenos, dando provas irrecusáveis de sua existência, após à morte, já são do domínio público. E' que os tempos preditos pelo Cristo, já chegaram, não há dúvida.

O «Dally Express», de Londres, deu à publicidade, como rigorosamente exáta, uma curiosissima história, cujos protagonistas pertencem à mais alta sociedade londrina. O fato é como segue :

—«O reitor de uma igreja do bairro aristocrático de Kensington dispunha-se a sair do templo após o serviço religioso, quando uma dama se lhe aproximou, e muito agitada pediu-lhe que a acompanhasse imediatamente a uma casa pouco distante.

Há um «gentleman», disse, prestes a morrer. Encontra-se extremamente preocupado com o estado da sua alma e deseja muito falar-lhe antes de sua morte.

O «clergyman» curvou a cabeça, seguiu a dama, subiu após ela para um automóvel e alguns minutos depois o veículo parava junto de um belo palacete particular.

A dama, cada vez mais enervada na aparência, recomendou ao reitor que se não demorasse. O sacerdote apeou-se, tocou a campainha e perguntou ao lacáio que veio abrir :

— E' aqui que mora o snr. X ?

— E' sim, senhor.

— Soube que estava gravemente enfêrmo e que me mandou chamar.

O criado, absolutamente estupefato, respondeu que o seu patrão não podia gozar melhor saúde.

Mas, observou o reitor, voltando-se, esta senhora...

Ficou boquiaberto. O automóvel e a dama tinham desaparecido.

O criado perguntou a si mesmo se o «clerygman» seria um louco ou um gracejador de mau gosto, quando o dono da casa apareceu no vestíbulo e inquiriu do que se passava. O reitor pô-lo ao corrente e descreveu a pessoa que o tinha ido procurar.

Pela sua descrição não me lembro de nenhuma pessoa do meu conhecimento, disse o «moribundo». Mas quer dar-me o prazer de entrar ?

Uma vez entrados para a sala de visitas, o dono da casa disse ao «clergyman» :

— Causa-me a maior estranheza que o tenham mandado a minha casa por êste modo misterioso. Não há dúvida de que, embora esteja muito bem de saúde, há já algum tempo que me preocupo com o estado da minha alma e tenho pensado muito em ir procurá-lo para falarmos a tal respeito. Mas já que aqui se encontra, ponhamos de lado o incidente que cá o trouxe e, se quer fazer o favor de me ouvir, vou dizer-lhe o que me pesa na consciência.

Os dois homens separaram-se após terem conversado durante uma hora, marcando um encontro para o dia seguinte de manhã, na Igreja. Mas o snr. X, não compareceu ao «rendez-vous» e o «clergyman», intrigado, voltou ao palacete para conhecer o motivo daquela falta de palavra.

Abriu-lhe a porta o mesmo criado da véspera, o qual informou ao sacerdote de que o seu patrão falecera na

véspera, dez minutos depois da saída do «clergyman».

Impressionadissimo, o reitor fez-se conduzir aos aposentos do morto e o primeiro objeto que feriu a sua atenção ao penetrar no quarto mortuário foi o retrato da senhora que o havia ido chamar e que se encontrava sôbre um «guéridon».

— Quem é esta senhora? perguntou o presbítero ao criado.

Êste retrato, retorquiu o outro, é o da mulher de meu amo falecida há quinze anos...»

EDUCANDO A ALMA

Major Levino Cornélio Wischral

NOSSA alma, tal criancinha recem-nascida, necessita contínuos cuidados, alimentos, orientação e amor; sente-se, por isso, extremamente feliz quando recebe o estímulo carinhoso para sua evolução e consequente purificação.

Está claro que qualquer auxílio tendente ao engrandecimento da alma, depende quasi que exclusivamente de nós próprios. Portanto, compete-nos a administração de medicamentos morais apropriados à iluminação interna.

Inúmeros são os métodos escolásticos dessa higiene mental propostos para nós nos ajudarmos; porém, o melhor será na certa aquele que visa e fala diretamente ao coração, em auto exame, abordando com serenidade e frieza os nossos mais secretos atos e pensamentos. Sugerimos pois, por ser perfeito e ideal o exâme de consciência em que o Evangelho de Jesus representará o fiel da balança às necessárias confrontações.

Assim, no silêncio revelador de cada noite, antes de adormecermos, procedamos a um honesto exame das ações, boas ou más; raciocinemos sôbre as provas a que constantemente somos submetidos no contáto dos nossos semelhantes mais adiantados e mais retardados; meditemos sôbre as inúmeras tentações que se atravessam nos nossos caminhos; relembremos o que se deveria ter feito e o não fizemos; enfim, elevemo-nos à categoria de incorruptível juiz de banca examinadora dos nossos sentimentos, paixões e vícios.

Sôbre o confidente travesseiro do sono, o aprendizado pelo auto exâme goza da vantagem de ser mais profundo nas acareações dos prós e dos contras, por isso mesmo é mais honesta essa revisão interna. Auferimos ensinamentos inesquecíveis de milhares de pequeninas lições, facilmente recordadas após um dia de farto convívio na sociedade.

Aquilo que volumosos tratados explanam com minúcias, geralmente enunciado por «conhece-te a ti mesmo», aprendemos em pouco tempo e por nós mesmos, nesse interrogatório da razão à consciência.

Isolados no retiro calmo do aposento, após sentida prece, estaremos aptos e bem à vontade, fazendo desfilar no écran do nosso cérebro, para análise e meditação, toda a atividade do dia a fim de confrontá-la com a doutrina do Cristo, espelhando gestos, atos, palavras e pensamentos nas exemplificações do Iluminado.

Logo de início tropeçamos no «amai ao vosso próximo como a vós mesmos» e a inflexível voz da consciência erguer-se-á altiva exigindo reparação imediata. Coramos ao desfile de tanto desamor.

Parece-nos que o Evangelho de Jesus defronta-nos logo em seguida; nada escapa à severa voz interior. Desta vez ela nos lembra outra passagem: «amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem e caluniam, bendizei os que vos maldizem». Sim, aí estão determinações rígidas, de máximo poder, de redenção absoluta, de boa paz, certamente se praticadas. Êsse desfile entristece e perturbanos, pois, capacitamo-nos da incrível pequenez e da grande decadência.

Agora divisamos sôbre a tela luminosa do nosso cinema, nesse suceder de exame secreto, algo que nos enrubece a face; desejariamos sumir pelo soalho a dentro. Simulamos não ver os letreiros do versículo 29 do cap. 5 do apóstolo Mateus:—«mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda». Oh! meu Deus, só um Francisco de Assis, um Paulo de Tarso, um Mahatma Gandi, um próprio Crucificado enfim, é capaz de tanto. Quanto à nossa conduta repugna-nos recordar, quanto mais cotejar.

Na convicção de que ninguém nos ouve os pensamentos de confissão, e, na persuasão de estarmos absolutamente sósinhos, lançamo-nos, graças a Deus, animadamente às mais amplas e sinceras pesquisas mentais. Com isso estabelecemos uma mais harmoniosa comunhão com o plano espiritual. Eis que se nos afigura estarmos à frente de Jesus, na posição do réu confesso e arrependido ; mas, o Cristo que é o Nazareno de eterna compreensão, assevera-nos, contudo, cheio de amor e compassivo: «há dois milênios eu vos ensinei com exemplos o perdoai sete vevezes setenta vezes — vejo porém, que ainda não conseguistes perdoar uma única vêz sequer; ide e aprendei pela dor que será vossa infalível mestra».

É chocante. Não resistimos fitar aquele que é o Divino, o Puríssimo. Tamanha decepção nos vai na alma que, dissimulamos, cabisbaixo, a humilhante situação e interrompemos o precioso êxtase.

O exame de consciência conduz-nos desapaixonadamente a realidades inquietantes e, vexatórias, de outras vezes ; nessas condições, quasi sempre tentamos fugir ao contáto da verdade que a centelha divina exuma das nossas profundezas. Isso nos sucede, quando revemos as ações de desprêso pelo semelhante ; quando examinamos a facilidade de maldizer ou caluniar ; quando lembramos do perdão que não soubemos pedir ou então, quando estudamos as atividades do nosso pensamento que geralmente se fantasia em supostas malícias. No entanto, êsse constrangimento algo demonstra, demonstra que já sentimos a necessidade de proceder bem, amando o nosso irmão de jornada.

Jesus, o nosso supremo guia, constantemente nos observa. Quantas vezes, vendo-nos a triste compunção íntima teria dito: «Graças ao bom Deus êste culpado arrependido já progrediu, pois sabe discernir o bem do mal. O Pai misericordioso põe à disposição do ser humano, para sua rápida ascenção, a magestosa estrada no amor, no entanto, a maioria segue adiante preferindo a árdua e demorada via da dor. A via do amor é curta, reta e sem obstáculos ; a da dor é longa, sinuosa e pontilhada de pranto».

As palavras do Salvador acabavam de ressoar nítidas e incisivas, consolidando mais ainda esta doutrinal meditação quando se fez ouvir também, cooperando nesse magnífico exame de consciência, o nosso anjo da guarda. Disse-nos êle: «Lembre-se, meu tutelado, que receberemos em abundância se dermos ; que seremos perdoados sómente se perdoarmos também ; que seremos condenados com o mesmo juizo com que julgarmos a outrem. Há os que se acreditam com direito ao paraiso dos céus, pelo simples fáto de não fazerem mal, são eles infelizes retardatários estacionados no início da estrada do aperfeiçoamento por onde outros avançam apressados. Urge, isso sim, ir ao encontro do necessitado e do enfêrmo para o indispensável exercício da caridade até que essa virtude se torne congênita. Que recompensa espera obter se só ama ao que lhe quer bem ? Que valor tem aos olhos da divina justiça ser irmão ou amigo verdadeiro daquele que assim o é para com você ? Meu querido pupilo, faça sua confissão íntima toda noite e faça por imitar a Jesus. O exame proposto gerará lucidez no discernimento, paz, boa saúde e compreensão exata da luta. Destinamo-nos todos ao Reino Eterno ; muitas são as moradas do Pai mas o caminho para lá é um e único. Os outros caminhos infelizmente acham-se obstruidos pelo intransponível monturo de perversidades, paixões e vícios criados pela cegueira humana ; sómente o do Amor permanece livre». Foram estas as últimas palavras do nosso guia espiritual.

Jesus fala-nos em S. Mateus 16, versículo 26 : «Pois que aproveita ao homem, se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma ? »

Que êste grande ensinamento do Redentor nos sirva de estímulo à educação da nossa pobre alma nos graves momentos de reflexão.

Jamais conseguiremos sufocar a voz da consciência, pois, é ela a própria partícula de Deus dentro de cada um de nós. Ela clamará, gritará com desespêro, enquanto não fôr afastada a causa que a atormenta ou que a quer contaminar.

É aí que o discernimento da razão entra em jôgo para educar a alma, saciando-a na ânsia de atingir cristalina pureza.

Após meditarmos nessa noite sôbre o nosso excelso sermão do leito, tivemos sono tão doce e sereno só comparado ao angelical sono dos justos.

Merecemô lo ?

Crônicas Doutrinárias

PEREIRA GUEDES

Certo dia, há muitos anos já, mal entrávamos na livraria da Federação Espírita Brasileira, lá vinha o Carvalho (José Vaz de Carvalho), então gerente daquêle departamento, a sorrir, nos perguntando: — Que tal se editássemos a conferência do Quintão, sôbre os fenômenos de Belém do Pará? Ótimo, respondemos. O Quintão que tem escrito tantas crônicas magníficas, que andam por aí esparsas, não poderá ficar restrito ao seu «CRISTO DE DEUS» e a «ROMARIA DA GRAÇA». Não! As «Cinzas do do meu Cinzeiro», publicadas no «Reformador» representam material excelente para um belo volume. Quintão, díziamos ainda, precisa deixar aos pósteros, alguma coisa que fale do seu talento e que represente para as gerações futuras o seu trabalho de doutrinador que incontestavelmente o é. Faça isso, Carvalho amigo, publique a conferência e as crônicas e, muita coisa mais virá depois.

* * *

Afastado da Casa de Ismael, desde 1946, mas procurado sempre pelos amigos leais, em sua residência, Manuel Quintão, ás vezes de olhos lacrimados, sente-se feliz em recordar os companheiros diletos de muitos anos e o faz como se fossem novas cinzas dêsse enorme cinzeiro que é o seu coração referto de saudades e acumulado de fatos, todos êles, cheios daquêle mesmo encanto e sabor das crônicas agora enfeixadas em formosíssimo volume de 195 páginas, editado pela Federação Espírita do Paraná e magnificamente prefaciado por Carlos Imbassahy.

O trabalho gráfico, esmerado, foi executado pela Empresa Gráfica da «Revista dos Tribunais» Ltda. de São Paulo.

Depois de anos decorridos e de uma longa história que melhor será esquece-la, eis que chega às nossas mãos, acompanhado de fraterna dedicatória, o livro, cujas crônicas nos encheram a alma e o coração.

Houve quem dissesse que «Cinzas do meu Cinzeiro» não era um livro doutrinário, entretanto, na primeira crônica, intitulada — O PAI É DEUS — o autor, contando a dolorosa história da filha primogênita que morre, suportando heroicamente, ao lado de Pedro Richard em prece, a dor de perder a filha querída, deu-nos uma bela lição que poderiamos chamar doutrina em ação.

O livro que contém 34 crônicas que são 34 lições admiráveis recolhidas dos fatos que o autor observou, deles participando, é bem o seu diário na recordação dos dias idos e vividos.

E' um livro de doutrina em ação, diziamos, visto que os fatos, muitos fatos presenciados por quem os escreve em linguagem de puro lavor literário, estão transformados em magnificas narrações, profundamente doutrinárias.

E' verdade! E houve quem dissesse que êsse livro não tem doutrina! Mas, opondo-nos a êsse conceito, um tanto precipitado, vamos declarar de público, proclamando, que o livro — «Cinzas do meu Cinzeiro» — é puramente doutrinário; um repositório de fatos que representam as contas de um rosário; pérolas colhidas na faina diária do grande navegador pelo oceano ora calmo, ora encapelado da existência, metido em seu escafandro de sólidas convicções, descendo às profundezas misteriosas dêsse abismo de fenômenos representado pelo mundo dos espíritos.

O «Cinzas do meu Cinzeiro», por ser um livro doutrinário diferente, cuja leitura satisfaz plenamente o espírito, confortando o coração, é, a nosso ver, o belo presente que o velho escritor nos manda nêsse fim de ano tão cheio de incertezas, desenganos e atribulações.

Afastado, como acima ficou dito, da Federação Espírita Brasileira, onde deveria ter sido conservado em homenagem ao seu valioso trabalho, sempre dedicado à Casa de Ismael, M. Quintão recolhendo-se ao lar, não permaneceu inativo.

Estendendo-nos a mão, não o fez para pedir, mas, para entregar aos seus leitores o magnífico livro, que, forçôso é confessar, nunca pensamos fossem as suas crônicas reunidas em volume, um tão precioso manancial, agradando tanto a tantos, pois, é unânime a opinião dos que o leram: MAGNIFICO LIVRO, o do QUINTÃO!

Novembro, 1952

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

REENCARNAÇÃO — *Carlos Imbassahy* e *Mario Cavalcanti de Mello.* Prefácio de *Pedro Granja.* Edição da Federação Espírita do Paraná. Impressão da *Revista dos Tribunais,* S. Paulo.

Somos, hoje, um polemista em disponibilidade ; enferrujado e desambientado.

Já não polemisamos mais.

Mas, como ainda amamos a boa polêmica, elevada e culta !

A polêmica, à exemplo da que fizemos e como o Carlos Imbassahy ainda faz. A polêmica com que se presta grande serviço à Doutrina, por sua difusão e por sua propaganda. Não que se convença o adversário — e são, via de regra, tão orgulhosos e *turrões* os polemistas ! — mas, como aproveitam as polêmicas os que, à margem do debate, seguem suas razões !

Amamos e servimos muito à polêmica.

Das vinte e cinco maiores, que mantivemos com adversários do Espiritismo, só encontramos, na verdade, um adversário ultra-grosseiro e malcriado, que pusemos à parte, seguindo nosso caminho até o fim de nossas razões. Polêmica essa que teria que aparecer, depois, em nosso volume, DOUTRINA INGLÓRIA.

* * *

Viemos para o Espiritismo muito antes do Imbassahy.

Viemos num tempo em que o Imbassahy, polemizando conosco, nos escrevia : «Não sou espírita e Deus me livre de estudar o Espiritismo».

Entretanto, fez-se espírita e estudou melhor do que ninguém a Doutrina.

E veio para a polêmica antes de nós.

Se é certo que, em nossas polêmicas, não seguimos os processos do querido amigo, menos certo não é que sempre o tivemos como mestre na ética e na serenidade de polemista.

Para nós, o Imbassahy é, ainda, o nosso maior polemista, o nosso maior escritor espírita, o nosso maior conhecedor do Espiritismo entre nós.

Aqui lhe fazemos esta justiça, embora nem sempre sigamos suas idéias doutrinárias.

Fôrça é convir que sua dialética é firme e contundente ; não tapeia nem fere o adversário. Mas, quando cai de rijo em cima do adversário, é para um esmagamento completo, a sorrir a exemplo daquele personagem de Machado de Assis que pedia licença ao dono da fogueira, que lhe incendiava a casa, para acender seu charuto . . .

Quando estivemos, na fôrça de nossa enfermidade, em sua casa, alguns dias, como seu hospede, lá conhecemos ilustre pastor protestante, seu amigo conquistado através de uma polêmica, e das mais sérias.

Ora, polemizar para fazer amigos é um dom e uma graça.

Graça e dom que Carlos Imbassahy possue, afóra os dons e as graças diferentes, dentro da Doutrina.

E, por sabê-lo assim, é que chegáramos a aconselhá-lo a deixar de mão um adversário, com quem, sem estar á altura dêle, na cultura e no polimento, terçava armas . . .

* * *

Mario Cavalcanti de Melo, seu companheiro no livro em cita, conhecêmo-lo em Uberaba, na primeira e única sessão de efeitos físicos que já assistiramos até hoje, de que tratámos numa crônica da época.

Confessamos que foi uma revelação agradável ao nosso espírito ; rever o Mario ao lado do Imbassahy, no jornal e no livro, digno em tudo do companheiro distinto . . .

* * *

Pedro Granja, o editor de nosso GRAÇAS SÔBRE GRAÇAS, é outra pena brilhante, bem digna dos dois, que prefacia o livro. Era um nome desconhecido para nós e, parece que para muitos espíritas, até aparecer seu monumental, AFINAL, QUEM SOMOS ?

Pois, são êstes, «os três mosqueteiros», do REENCARNAÇÃO E SUAS PROVAS.

Se mister for completar a bela ficção de Dumas, pai, poderíamos encontrar

um d'Artagnan para a gloriosa trinca: seria, então, o Arlindo, o homem de O PODER, negado de muitos e aplaudido por diversos.

Somos dos que, a despeito de discordar sempre dêle e de seu jornal, o aplaudem, e a O PODER.

Entra aqui o PODER e o Arlindo, porque o REENCARNAÇÃO E SUAS PROVAS nasceu, naturalmente, em consequência da polêmica daquêle jornal, interessando muita gente, nós inclusive.

* * *

Somos espírita, porque somos reencarnacionista.

Ao contrario de Gustavo Geley, que era reencarnacionista sem ser espírita.

Temos feito, modestamente, a propaganda do Espiritismo através de todos os processos. Agora mesmo, no fim da existência corpórea, eis-nos, silenciosamente, a braços com a responsabilidade direta de muitas filhinhas dos outros, que nos querem bem, às quais tanto queremos. Certos embora de que «o espiritismo cristão e humanitário, de que nos fala Allan Kardec (Livro dos Médiuns, XXIX/350) é o mais eficiente e da índole do Brasil, nem por isso podemos menospresar a reencarnação, que é, por assim dizer, a alma mesma do Espiritismo.

Ainda se nós tivessemos lido e observado argumentos sérios e raciocínios seguros contra a reencarnação...

* * *

Somos, repetimos, um polemista em disponibilidade, que, entretanto, ainda lê polêmicas com subido enlevo.

Velho polemista em tão silencioso repouso, que, no volume que nos coube, por oferta de Carlos Imbassahy, pôs o ofertante abaixo da dedicatória: *Primeira quadra de um soneto em elaboração:*

Já, agora, nos ócios do combate,
Com o brilho no olhar e a fronte mesta,
Quem os tempos e a luta não abate,
O grande leopardo da floresta...

* * *

A despeito de nossos ócios de combate, lemos o REENCARNAÇÃO E SUAS PROVAS.

Dizer que estamos, cento por cento, de acôrdo com tudo que se contém no livro?

Para que, se toda gente que nos lê, já compreendeu isso nas entrelinhas?

Deixamos por último nossas felicitações à *Livraria da Federação Espirita do Paraná*, a editora do livro.

Se é o primeiro que edita, redobrados parabens, visto como se trata de uma edição primorosa, 246 páginas, muito bem impressas em ótimo papel.

Numa palavra: um livro impresso por Pedro Granja, que traz o nome de Carlos Imbassahy na capa...

UMA GRANDE VIDA

É o nosso último filho literário, recem-publicado pela *Casa Editora O Clarim*.

Bem cartonado, bem impresso, simpático.

Exatamente como os livros do grande biografado nêle: Cairbar Schutel.

Mas, cento por cento apresentável?

Que esperança!

Não fôssemos nós o *Loiola Machado* do célebre *pastel* de *Vanguarda*, que pusemos em crônica já publicada! E não tivéssemos nós, por trás e invisível, uma *terrível falange* a perseguir-nos os passos e os atos! E não carregássemos, ainda, um fardo pesadíssimo de nossas culpas do passado e de nossa reconhecida incapacidade para tantas coisas!

Falemos, pois, um pouco das deficiências gráficas do livro, que serão reparadas — diz-nos o ilustre editor e prefaciador — na 2.ª edição.

* * *

Deficiências gráficas?

Algumas, sim, embora de somenos, que vale a pena, entretanto, aqui assinaladas:

I) Frases mal revisadas. Algumas, de sentido incompreensível ou duvidoso.

II) Mal separação de capítulos com os três pontinhos (...) de sorte a se passar, aquí e ali, violentamente, de assunto para outro...

III) No alto das páginas, UMA GRANDE VIDA, sómente, quando é de praxe, numa página, o nome do autor e na outra, o da obra.

IV) E, muito principalmente, a falta de índice...

* * *

Isso, porém, não quebra, de modo

algum, a justa e merecida homenagem que a *Família Cairbarina*, da qual nos desvanecemos de pertecer como um de seus membros, embora distanciado, ao maior espírita que já existiu, a nosso julgamento, no Brasil.

Só com isso, sentimo-nos feliz.

Tão feliz como alguém que, talvez, pela primeira vez, tenha consciência de haver realizado um ato de profunda e perfeita justiça.

Graças a Deus!

A Técnica da Materialização à Luz do Dia

De «Psychic Observer» — *Por AMY MARCHALL* (Continuação)

A materialização A' Luz do Dia permite, também, a personagens importantes de passados períodos da vida terrestre, mostrarem suas formas espirituais, inclusive o esplendor de suas vestes, o que demonstra que, não obstante a história as ter relegado a épocas passadas, elas são vitais, espíritos vivos em nossos próprios dias! Não só elas continuam vivas, como desejam e querem se materializar com o propósito de corrigir ou confirmar as narrações históricas de seus atos ao tempo em que viviam na terra. Segue um exemplo:

Em recente reunião em nossa igreja, destinada ao desenvolvimento do poder psíquico, conhecida senhora de California, Luiza J. Barricklo, relatou notável materialização em plena luz do dia ocorrida em sessão privada, em casa do Rev. Dickson, à Avenida Dezenove, São Francisco, em Julho de 1951.

«A sessão realizou-se à luz atenuada, disse Mrs. Barricklo, «vi e falei com diversos espíritos amados e estava meditando na calma e pacifica atmosfera da sala de sessões do Rev. Dickson, quando de novo se abriram as cortinas do gabinete e entrou uma figura alta, de ombros quadrados, vestida à moda colonial, estacionando a distância de menos de um comprimento de braço do lugar em que eu estava sentada e com voz sonora disse: «Joseph Hewes». (Joseph Hewes foi ilustre membro de nossa família, viveu nos dias da Guerra Revolucionária e me apareceu pela primeira vez).

Maravilhada e surpreendida, eu disse: A sua vinda é admirável, particularmente porque eu pensava no senhor quando me dirigia para esta sessão. Ele replicou: Eu estava a seu lado e fui o causador dêsse pensamento. Em seguida, dirigiu-se para a janela, dizendo: Minnie Brown sugeriu-me abrir as janelas para que me possa ver em plena luz do dia, se eu tiver fôrça bastante. Vi-o afastar as pesadas cortinas, abrir as gelosias e deixar entrar a luz solar! Então, magestoso e alto em plena luz, êle disse:

Agora pode afirmar ter visto à plena luz do sol, o espírito de Joseph Hewes, um dos signatários da Declaração da Independência, acontecimento memorável ocorrido cento e setenta e cinco anos atrás.

Sim, respondi profundamente abalada, e pensar que foi o seu voto que decidiu a questão da independência da nossa pátria.

É verdade, replicou êle, e nunca deixei de trabalhar pela nossa querida América.

Nesse momento, prosseguiu Mrs. Barricklo, o Espírito Juanita saiudo gabinete de materialização, vestida de branco, resplandescente, aproximou-se de Joseph Hewes, e disse-me:

Esta é uma ocasião maravilhosa, Mrs. Barricklo, um maravilhoso Quatro de Julho. Não é sublime?

O grau de aperfeiçoamento alcançado pelo Mundo Espiritual, na apresentação de fenômenos psíquicos, disse Juanita, depende da capacidade espiritual e física do médium. A mediunidade do Rev. Dickson fornece ao Mundo Espiritual o essencial, com grande latitude, porque usualmente êle pode realizar sessões de materialização em várias *graduações* luminosas e, por meio de suas vibrações químicas, podemos geralmente produzir ectoplasma de qualquer gênero necessário às nossas manifestações.

Juanita prosseguiu: Ectoplasma é substância composta de muitos elementos conhecidos que o homem ainda não percebe e é produzido pela ação da es-

fera física do médium sôbre o material das vibrações humanas. Na materialização o ectoplasma é empregado por um Espírito para ampliar, intensificar ou construir a aparência de sua forma, de modo a poder ser ela percebida pela limitada extenção da visibilidade humana. A aquidade do homem se ajusta às necessidades de suas normais atividades terrestres. Para propósitos que exigem maior observação de penetração, o homem inventou instrumentos sensíveis que dilatam o alcance de sua visibilidade, como o microscópio e o telescópio. Um médium de materialização, como o Rev. Dickson, é o instrumento sensível empregado pelo Mundo Espiritual para trazer os Espíritos queridos dentro do raio de visão humana, para seu gôzo e instrução.

Quando o Espírito quer materializar em plena luz do dia, continuou Juanita, êle exerce uma fôrça atrativa e extrai um filme ectoplásmico do Rev. Dickson em estreita proximidade com sua forma e vestuário. Em seguida, o Espírito eleva a temperatura do ectoplasma ao gráu em que cada átomo de luz solar, com êle entrando em contáto, produz a combustão, e as resultantes explosões infinitesimais produzem a fluorescência que ilumina a forma espiritual à luz do dia.

A delicada transparência e fluidez do ectoplasma produzido pela mediunidade do Rev. Dickson, para as materializações à luz plena, disse Juanita, permite ao Espírito manifestante mostrar a côr, textura e desenho de sua veste; as flôres, penas ou joias usadas como adorno no vestuário, e ainda todos os outros detalhes mínimos. E estas mesmas qualidades do ectoplasma permitem tornarem-se visíveis as figuras espirituais.

Nas sessões de materialização do Rev. Dickson, quando um Espírito dispensa a fôrça que modela o ectoplasma à feição de sua forma e vestuário, ocorre o que se denomina desmaterialização. Todavia, sómente se desmaterializa o ectoplasma, permanecendo intactas a forma espiritual e as vestes, não obstante invisíveis à visão humana.

Atraido pelos agentes espirituais, o ectoplasma dispensado volta para o médium ou para o gabinete de materialização, para ser empregado por outros Espíritos desejosos de se materializarem.

No fim da sessão, os agentes espirituais devolvem certas vibrações ao auditório, ou assistente, de que foram hauridos, sendo que as vibrações só foram usadas com o propósito de reforçar a duração da sessão».

Materialização á plena luz do dia! Que magnífico campo de grandeza a invadir com a assistência dos amigos espirituais. Na iliminação do temor e finitas limitações do homem, as manifestações à luz do dia lhe dão o conhecimento que ilumina sua compreensão e robustece seu poder psíquico. Fenômenos espirituais de tão grande beleza, determinam o desvanecimento de sonhos infantís ou fantasias, e despertam o homem para a realização de ser sómente a vida terrestre o entreato material — o evento físico — na eterna Vida do homem.

O conhecimento humano do Mundo Espiritual, através do Espiritismo, já tão imponente, pode ser radicalmente transformado por meio da Materialização Á Luz do Dia, e os dotados de visão, veem a humanidade avançar rapidamente para a nova era iluminada.

Ao observarem, as futuras gerações, o progresso do Espiritismo, o valor do Rev. Dickson, como médium de Materialização Á Luz do Dia, será colocado entre os grandes. Porquanto êle merece o louvor e aclamação do mundo no tempo presente, porque toda a sua vida tem sido devotada á preservação da pureza do fenômeno do Espiritismo e apresentação da verdade da Vida Eterna, diretamente dada pelos Espíritos materializados.

(Conclusão)

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

UMA GRANDE VIDA

(Estudo Biográfico de Cairbar Schutel)

Foi sempre desejo meu reunir ou ver reunidas, em um volume, as biografias dos grandes vultos do Espiritismo do Brasil, como Bezerra de Menezes, Batuira, Doutor March, Euripedes Barsanulfo, Viana de Carvalho, Cairbar Schutel e tantos outros não menos dignos, mas o empreendimento não dependia só de mim. Não podendo concretizar a minha vontade, para desforrar-me, publiquei e fiz publicar alguns dados biográficos dêsses e de muitos outros em várias revistas brasileiras. Lembro-me bem de que publiquei na Revista Espírita do Brasil, o orgão da Liga Espírita do Brasil então sob minha direção, bem detalhada biografia de Cairbar Schutel, por ocasião do seu desencarne, diga-se a verdade, com dados e retrato recebidos de Matão, porque eu não os podia conhecer, biografia que o bondoso amigo e confrade francês Gabriel Gobbron, por delicadeza, saudou em sua «Chronique Etrangere», da «Revue Spirite» de Paris, França, como a mais completa biografia daquele eminente vulto do Espiritismo do Brasil...

Hoje eu estou vingado: essa *minha* biografia foi suplantada por uma biografia bem mais completa e detalhada de uma pessoa indicadíssima para escrevê-la: Leopoldo Machado, que se tivesse nascido na época de Cairbar, era bem merecedor de trabalho igual. E' um trabalho notável no gênero porque na vida dos bons e dos puros há bem pouca coisa para se dizer, porque o que se conta não podia ficar oculto. Os herdeiros do céu têm a preocupação de esconder as suas boas ações o mais possível.

Aconselho principalmente os espíritas cariocas a lerem esta biografia, porque Cairbar Schutel era natural do Rio de Janeiro, era também carioca. Nasceu êle na Rua do Ouvidor, rua antiquíssima que se chamou primeiro Desvio do Mar e depois Aleixo Manuel. Começava então na rua Direita, que é a atual Rua Primeiro de Março, só construída de um lado, porque do outro era mar. Esse outro lado, depois, com o recúo do mar, foi sendo edificado, e a Rua do Ouvidor estendeu-se mais para o começo. Por ela passo, diariamente, várias vezes, lembrando-me sempre do velho Cairbar.

Tenho para mim que a família Schutel era suiça-alemã. Pode ser que se tenha afrancezado... Este radical «Sch» é bem alemão. Temos Schuster, sôbrenome alemão bem conhecido. Edouard Schuré era francês alsaciano e o seu apelido de família, alemão, era Schürer, afrancezado em Schuré.

Schüttel, em alemão, com dois «tt», significa calafrio, arrepio. Vindo a familia de um país frio como a Suiça, para um país quente como o Brasil achou possivelmente, de suprimir um t do nome, daí Schutel. Se foi mesmo alemão, como penso, conservou-se a pronúncia Schútel; se fosse francês seria Schutél. O Leopoldo que me perdôe, não é uma lição de quem pouco sabe do português e linguas estrangeiras. Tem 125 páginas o livro e o seu estílo é ligeiro e agradável. Foi impressa na Editora «O Clarim», de Matão, fundado pelo biografado. Que todos leiam a obra «Uma Grande Vida», porque, no meio de tantas decepções (e decepções comigo mesmo por não poder fazer pela Doutrina tudo o que desejo, ela faz um grande bem ao coração, convencendo-nos de que houve e há espíritas de verdade no Brasil, como Cairbar Schutel e sua muito querida família espiritual de Matão — Costa Filho, Watson Campêlo, digníssimas senhoras e humildes auxiliares, cujos nomes os anjos guardam. Deus os abençoe a todos.

Cairbar Schutel, foi o fundador do C. E. «Amantes da Pobreza», do jornal «O Clarim», da Revista Internacional do Espiritismo e da Editora «O Clarim», em Matão, Estado de São Paulo, todos funcionando e prestando grandes serviços à Doutrina.

Francisco Klörs Werneck.

De «Vanguarda», da Capital Federal, de 2 12 952

"Dante Alighieri — O Ultimo Iniciado"

A respeito dêste livro do nosso confrade Prof. Arnaldo S. Thiago, o jornal FANFULLA que se publica em São Paulo, publicou a seguinte apreciação valiosa :

«E' com um mixto de alegria e de orgulho que nos propomos analisar a mais recente obra interpretativa do Padre Dante. E' ainda maior a nossa alegria pelo fato de ser o Autor um «Brasileiro» de fortissima têmpera espiritual, cultor apaixonado e profundo dos altíssimos problemas da Alma Humana. Dito isto, com a mais sincera admiração e reconhecimento ao insigne Autor, passemos a examinar a arguta «exegética» de Arnaldo S. Thiago.

O A. é uma espécie de Alto Sacerdote do Espiritismo. E', portanto, natural, que tenha procurado, na Divina Comédia, tudo aquilo que possa servir para «testemunhar», «sancionar» a doutrina e a prática «Espírita». Não sabemos quanto possa alegrar, êste nobre esfôrço do A., aos seus fiéis e sectários; nós, porém, que vemos a Alma Humana com outra lente, permitimo-nos de não estar—em tudo e por tudo — de acôrdo.

Escreve o A., na Dedicatória : «Esta exegética da «Divina Comédia» constitúe um apêlo, que fazemos a todas as igrejas e especialmente à Igreja Católica Apostólica Romana e ás suas derivadas Protestantes, para que aceitem a colaboração que lhes trouxe o Espiritismo, colaboração efetiva, baseada em provas científicas, definitivas, da sobrevivência da alma e da sua imortalidade, aceita por fé, nas aludidas Igrejas, e agora positivada pela Razão, nêste elevado estágio do progresso a que atingiu a Humanidade, no século do predomínio da Livre Consciência. Êsse princípio da sobrevivência e da imortalidade é, como sabemos, o fulcro de todo edifício religioso. Uma vez que o Espiritismo o demonstra cientificamente, claro que êle—o Espiritismo—é o máximo colaborador de todas as Igrejas militantes. Não fraternizar com êle é incidir no repúdio da Verdade, que ao longo dos séculos tem feito mártires e que levou Jesus ao Calvário!»

Nesta invocação à «Unidade espiritual» de todas as Igrejas que se filiam ao Cristianismo, como primeiro Ato, para depois atingir-se à mais vasta «Unidade» de todos os Humanos crentes em Deus, notamos uma inspiração alta e sublime. E' êste um Conceito Evangélico, pois que se fundamenta no Sermão da Montanha. E é também Dantesco, pois que está expresso claramente em «De Monarchia». O que encerra de novo é a afirmativa de que o Espiritismo dá a prova científica da sobrevivência da alma.

O problema da imortalidade da alma *não póde, nem deve* ser resolvido pela experiência científica (no sentido que entendemos, hoje, a Ciência). Êste problema é parte indivisível do mesmo problema da existência de Deus. Ora, nenhuma Religião, nenhuma Escola filosófica, nenhum Profeta, jamais recorreram a meios experimentais para exaltar a existência de Deus. A Humanidade sempre teve e sempre terá Fé em Deus por mil razões que nada tem a ver com fenômenos também ditos científicos. (1)

Não dispondo de espaço necessário para desenvolver o nosso pensamento crítico a respeito desta grande questão, pedimos ao ilustre Autor e ainda aos leitores que leiam Pascal. (Pensées e Provençales); Mazzini (I Deveri dell'Uomo) a Papini (Vita de Cristo).

---

(1) Permitimo-nos fazer aquí uma observação a respeito do critério adotado pelo ilustre crítico da «Exegética», relativamente à Paternidade Divina e à alma humana. Se não é possível deixar de aceitar êsse critério com relação a Deus, para a exaltação de cuja existência ninguém póde recorrer a meios experimentais, o mesmo não sucede a alma humana, pois que, quanto à existência desta, que continua *revestida de um arcabouço material, pois que fluídico, depois da morte do corpo que teve na terra, a prova experimental não só póde ser feita, como é concludente, bastando para isso estudar com cuidado as obras de William Crookes, Delanne, Paul Gibier, Flammarion, Léon Denis e sobretudo a codificação kardeciana. A elas remetemos o erudito quão atencioso e nobremente intencionado crítico da obra do nosso confrade Arnaldo S. Thiago.*

Arnaldo S. Thiago, pela «exegética» da D. C. segue um critério digno da mais alta admiração. O A. nega que o homem possa ser condenado ás penas de um Inferno eterno. Explica com argumentos de genial feitura como Dante na emergência da «escura selva» tenha sido constrangido à ficção dogmática de arquitetar o tão discutido Inferno. De resto o A. não se demora muito na triste morada dos sofrimentos: apenas lhe permite a exigência do estudioso, salta no Purgatório, onde:

«Per correr miglior acqua alza le vele
Omai la navicella del mio ingegno,
Che lascia dietro a sé mar si crudele.
E canteró di quel secondo regno,
Dove l'umano spirito si purga,
E di salire al ciel diventa degno».

Êste «segundo reino» não é ainda aquêle que o nosso Sacerdote da Verdade e do Amor procura em Dante, mas já começa a respirar, a esperar... Em uma centena de excelsas páginas faz-se, Êle, entender a respeito do seu profundo conhecimento dos homens e das cousas. Sente-se, aquí, um pouco em sua própria casa, em meio a gente humana: pecadores, sim, mas capazes de se redimirem, de se purificarem, de passarem a um Reino mais Alto.

A forma como o A. apresenta e comenta o XXX Canto bastaria para classificá-lo dignissimo intérprete do pensamento do Poeta:

«Io vidi già nel cominciar del giorno,
La parte oriental tutta rosata,
E l'altro ciel di bel sereno adorno,
E la faccia del sol nascere ombrata,
Sí che per temperanza di vapori,
L'occhio lo sostenea lunga fiata;
Così dentro una nuvola di fiori,
Che dalle mani angeliche saliva
E ricadeva giù dentro e di fuori,
Sovra candido vel cinta d'oliva,
Donna m'apparve . . .»

Devemos seguir Arnaldo S. Thiago na espiral Celestial em que se deleita por outras 150 páginas, mas com que fim? O A. vive os mesmos sentimentos do Seu Divino Inspirador e êstes sentimentos manifesta-os com generosa humanidade e com profunda sabedoria.

A obra de Arnaldo S. Thiago representa um contributo notável à interpretação e à difusão do Gênio mais honrado em todos os tempos.

A Sociedade Italiana Dante Alighieri do Rio de Janeiro, da qual honro-me de fazer parte e a cuja Direção dei conhecimento desta assás modesta apreciação, rende homenagem ao Amigo desta nossa segunda Pátria. PASQUALE FUCAZZA.» (Fanfulla, de 2 de Novembro de 1952.)

Do mui ilustre escritor rio-grandense Olyntho Samartin, autor de valiosos trabalhos, entre os quais «BANDEIRANTÊS NO SUL DO BRASIL», recebeu o nosso confrade a seguinte carta, datada de 7 de novembro de 1952: «Meu ilustre confrade e amigo Prof. Arnaldo S. Thiago. Saudações. Recebí sua amável carta e seu notável estudo «Dante Alighieri — o último iniciado». Indiscutivelmente trata-se de um trabalho meditado, com profundos talhes de exegese, onde a erudição lhe dá segurança e um equilíbrio de conceitos que torna o livro atraente e rico de substância.

Confesso que seu trabalho não pode ser lido e assimilado numa leitura de superfície. Exige atenção, análise e conhecimento do tema, e tudo isso carece de serenidade e de tempo. Essa leitura metódica já foi por mim iniciada. De momento desejo apenas felicitá-lo pela publicação dêsse seu admirável trabalho e agradecer-lhe a amabilidade da oferta. Aceite meu cordial abraço. OLYNTHO SANMARTIN».

Do Snr. Dr. Levindo Mello, austero e ponderado Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, datada de 5 do mesmo mês, é a seguinte carta sôbre o mesmo livro: «Exmo. Snr. Prof. Arnaldo S. Thiago. Saúde e Paz. É com a mais profunda satisfação que venho agradecer-vos vossa valiosíssima oferta de um exemplar de DANTE ALIGHIERI — O ÚLTIMO INICIADO, de vossa autoria, à Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

Linguagem correta, tradução fiel, comentários justos e elucidativos — vosso novo livro é realmente um trabalho que enriquecerá as bibliotecas, como luzeiro fulgurante que é, sempre lido e relido

deleitando as inteligências espiritualmente cultas.

Tudo nêle está bem feito, a começar pelo porte material e a terminar nos conceitos altamente filosóficos, universais, cristãos, espíritas.

Em nome de nossa instituição, tenho a honra de agradecer-vos tão bela, valiosa e útil oferenda. Peço-vos aceiteis nossas sinceras e cordiais felicitações, por feito tão valoroso, difícil, realizado com tanta sabedoria.

Com a mais elevada e distinta consideração de todos nós, Diretores da Sociedade, sou o vosso Amigo e Confrade, grande admirador de vossas virtudes, sempre grato e sempre às vossas ordens. Dr. Levindo Mello. Presidente».

A Sobrevivência do Homem

Pelo Dr. Martins de Oliveira

(Conclusão)

Ora o Sarcosoma é o «doublé» de um segundo organismo fluídico, composto de água, sob a forma de microscópicas esferas de espuma, cheias de vários gazes rarefeitos e partículas impalpáveis de matérias orgânicas e minerais. A este corpo nebuloso e mais ou menos eletrizado, dou eu o nome «aerosoma» e, sendo êle o duplo do sarcosoma, cada uma das suas bolhas deve forçosamente coincidir com uma célula do seu sósia.

O corpo fluídico separa-se, por vezes, expontâneamente do somático. Está, porém, ao alcance dos investigadores provocar experimentalmente essa separação, visto haver-se demonstrado já a sua existência. Todavia, com a morte natural do sarcosoma pode observar-se muito bem a sobrevivência do aerosoma.

— E essa observação está ao alcance de qualquer homem de ciência?

Está. Eu, por exemplo, conheço catorze manifestações de corpos sutis que sobrevivem à morte dos seus organismos grosseiros — os corpos humanos visíveis — depois de terem vivido com êle em íntima simbiose: Três de um mês e meio; um de três meses, outro de quatro e ainda outro de cinco; três de dez mezes, um de doze, um de três anos, um de nove, um outro de dezesseis e ainda um décimo quarto de cinquenta anos de... idade.

— Todas essas idades do aerosoma são contadas a partir da morte do respectivo sarcosoma?

— Exatamente. E a estas catorze manifestações de aerosomas humanos, sobrevivendo aos sarcosomas, eu podia juntar ainda mais quatro observados por mim em animais inferiores — dois cães, um jumento e uma mula.

Todas estas observações foram levadas a cabo com o maior rigor científico, de modo a não poder nutrir-se a menor dúvida sôbre o fato e, principalmente, de maneira a constituir demonstração absoluta de que o aerosoma sobrevive muitos anos ao seu sarcosoma sósia.

Bem sei que pode objetar-se ao que afirmo que os observadores sofrem de alucinações ou que esta «crença» é filha da ignorância do povo, especialmente do campo, que vê no ruído de um verme que róe, no barulho de um rato que foge ou nas pancadas da borboleta que se atira, atraída pela luz, sôbre os vidros da janela — manifestação de... mortos. No entanto, eu não tenho o exclusivo experimental do fenômeno. Todos podem estudar e chegar, como eu cheguei, a uma certeza sôbre êle. De resto, homens eminentes de todo o mundo se têm ocupado do mesmo assunto e obtido, após vários anos de trabalho, a mesma certeza que eu nutro.

Posso assegurar que não se trata de uma crença — nem em ciências há crenças —, mas sim de uma nova aquisição, incontestavelmente demonstrada, das ciências biológicas. A sobrevivência, *durante muitos anos*, dos aerosomas dos homens e dos mamíferos inferiores, deve considerar-se uma verdade científica incontroversamente demonstrada.

— Então os homens, depois da morte do seu sarcosoma, podem ainda viver muitos anos?

— Não lhe digo muitos anos nem muitos séculos, porque não é essa a convicção a que me conduziram os meus estudos. Após quase uma vida de trabalho sôbre tão vasto assunto, posso garantir-lhe que tenho como axiomático que o homem não morre nunca. Os que têm

dito ser a morte a cessação da vida no organismo grosseiro, no sarcosoma, fazem-no porque jamais estudaram o homem e muito menos o aerosoma, que é o homem invisível.

— Que diferença, além da invisibilidade, provocada certamente pela ausência de matéria grosseira no aerosoma, é possível encontrar entre os dois corpos que cita?

— Nenhuma. Na essência, é impossível estabelecer diferenças, por pequenas que sejam entre os habitantes visíveis e invisíveis que povoam o nosso globo. Tanto uns como outros são uma e a mesma população terrestre.

— Mas sendo assim...

— Bem sei. Sendo assim, deveria haver maiores certezas sôbre esta aquisição das ciências naturais, como há a propósito de muitas outras, que os ignorantes, sem certezas absolutamente nenhumas, não se atrevem a negar.

— E sabe porquê? - perguntou Fugairon animadissimo.

Como fiquei mudo como um peixe, o cientista respondeu por mim:

— Porque, por exemplo, todos os intelectuais, todos os sábios sem distinção, até os mais incultos em biologia, crêem no micróbio da tuberculose e, embora nunca tenham visto um único bacilo de Koch, não podem negar um conhecimento universalmente admitido. E' uma verdade incontroversa, bem sei, mas — note bem isto — de que só uma minoria tem uma certeza absoluta — os biologistas, os naturalistas, e os médicos. Apesar disso, ninguém põe em dúvida essa verdade. Se a opinião dos intelectuais não fôsse unânime e os sábios que nunca viram um bacilo de Koch negassem a sua existência, ninguém acreditaria nêle, salvo os especializados.

— Mas os outros cientistas, se quiserem, podem corar o bacilo e obter a convicção no campo experimental. Depois, como se compreende, a dúvida seria impossível.

— Repare que citei apenas um exemplo e não foi preciso mais nada para pôr em evidência a lógica afirmação que acabo de produzir. Pois bem. Todos podem ver um bacilo de Koch, exatamente como todos podem, também, observar um aerosoma humano. Difícil, dificílimo, quasi impossível, é fazer vergar ao estudo um mundo de homens responsáveis. A maioria dêles espera que a «crença» ganhe vulto para depois, sem dar nas vistas, poder aderir à teoria...

Com o problema da sobrevivência do homem tem sucedido e ha-de suceder a mesma coisa: A minoria estuda, sabe; a maioria ignora e espera... para depois acreditar!

Bem sei que aquí, a «crença» mexe-se com muita mais lentidão do que sucede com outras aquisições da atividade humana. Mas a razão, simplicissima, impõe-se quasi por si mesma a qualquer cérebro culto. Para que uma idéia triunfe, carece de avolumar-se; e para que ela se avolume torna-se indispensável que um certo número de sábios lhe dedique os seus estudos e grite depois bem alto as conclusões a que chegou. Ora todos sabem, até os mais ignorantes, que o estudo da morte e, portanto, o da própria vida, provoca em quasi todas as pessoas um verdadeiro terror pânico.

— Mas isso não tem impedido — atalhei eu — que alguns milhares de sábios e dos mais notáveis da América e da Europa se tenham ocupado do assunto.

— E que são alguns milhares comparados com milhões, com todos êsses milhões que se alheiam, por vários motivos, do estudo do problema?

— Os fatos forçam à convicção.

— Pois forçam, mais é preciso constatá-los e alguns milhares de convencidos pelo estudo não logram convencer milhões que nunca repararam nêles. E' talvez por isso que certos intelectuais proclamam injustamente que a ciência nada tem feito de concreto para resolver o problema. Habitualmente, porém, os sábios que tal afirmam ou são ignorantes no assunto ou carecem de competência para se ocuparem dêle. Existe ainda outra espécie de cientistas que passa a vida a contestar fatos que não têm contestação possível. Estes pertencem ao grupo daqueles que, não percebendo nada dos trabalhos experimentais a que aludem, só desejam fazer espírito e aparentar erudição. Não me interessam. De resto, para alicerçar em bases sólidas a verdade, já hoje incontroversa, da sobrevivência do homem, êles são absolutamente dispensáveis. Para firmar a convicção de todos sôbre êste grande problema das ciências naturais, só se carece de biologistas competentes que queiram sacrificar ao estudo algumas horas por dia. Certos jornalistas

que de tudo percebem, quer sejam crentes ou descrentes, religiosos ou ateus, também não me interessam, porque ou são materialistas inconscientes do que verdadeiramente seja a matéria e metem tudo a ridículo, ou são espiritualistas crédulos e, então, contam-nos coisas tão absurdas que só servem para afastar os autênticos sábios do estudo em questão. Que eles, quando a demonstração se agigante, procurem tirar da imortalidade do ser conclusões morais, sociais e religiosas, admite-se — estão no seu campo e fazem uso do seu direito. Mas o estudo da sobrevivência do homem pertence unicamente aos biologistas, porque se trata de questão puramente científica e, portanto, acima de qualquer opinião materialista, espiritualista, católica, teosófica ou espírita.

E', pois, à luz da ciência, unicamente à luz da ciência, que se deve examinar o problema.

— Sou da mesma opinião e, precisamente por pensar de modo semelhante, ocorre-me fazer-lhe uma pergunta...

— Diga.

— Quando sobrevem a morte do aerosoma—do segundo organismo do homem — o que é que acontece?

— O professor Leduc diz que a célula viva representa um verdadeiro campo de fôrça, com o seu *centro dinâmico*, as suas linhas segundo os raios e a superfície equipotencial do todo. Com efeito, não há uma única célula que não tenha um órgão central—centrosomo—absolutamente visível, pelo menos, no momento em que êle se desune. Tem o aspecto de uma pilha de granulações, susceptíveis de se colorirem fortemente, em torno das quais se divisa uma zona clara, refractária à coloração. No lado inferior desenham-se estrias compostas de finos gránulos, que divergem, junto da periferia, conforme os raios da esféra. Na superfície limitante, ela é composta de superfícies estractificadas concêntricas, representando as superfícies equipotenciais.

A fisiologia, diz êle ainda, mostra-nos mais claramente a morfologia, a ação dos centros dinâmicos nos fenômenos da vida. Estes, que têm por base a nutrição celular, subordinada à absorção e desassimilação da célula, já não encerram, para nós, grande número de mistérios.

E é êste, conclúe o professor Leduc, o caráter das fôrças centrais dos centros dinâmicos, magnéticos ou elétricos, de que provém os movimentos centrípetos e centrífugos.

— E' interessante, afirmei eu sinceramente.

— Interessante e verdadeiro, juntou Fugairon. Depois, talvez para me ser agradável, esclareceu:

— A absorção celular — movimento centrípeto — e a eliminação — movimento centrífugo — são condições necessárias e suficientes para caracterizar e restabelecer a existência dos centros dinâmicos celulares.

— Mas se a célula viva é um centro dinâmico, os sêres vivos não são, na realidade, mais do que associações diversas de centros dinâmicos aglomerados em determinadas condições.

— Tem razão. E a vida está nas ações recíprocas dêsses centros e na influência exercida sôbre eles pelo mundo exterior. A noção dos centros dinâmicos é definida pela biologia como um sol nascente sôbre uma paisagem escura, dominando-a com a sua luz mas continuando ela a aparecer com sombra em paisagem iluminada.

Além dos centros dinâmicos das células, existem ainda outros organismos complexos, como, por exemplo, os dos sêres humanos. Isso resulta, como demonstrarei a seguir, da fusão de quatro tipos de organismos elevados. Cada um dêsses organismos complexos possúe um centro dinâmico, que centraliza os campos de fôrça, cada vez maior, dos organismos inferiores. E' a êste sistema de centros dinâmicos que eu chamo «psicolono».

— Mas então é êsse psicolono o sucessor do aerosoma?

— Ora ouça, e o seu raciocínio responderá por mim à pergunta que formulou: As esféras do segundo organismo, coincidindo com as células do primeiro, fazem com que cada centro dinâmico celular seja um centro dinâmico bolhar. Quando o primeiro organismo, o sarcosoma, deixa de existir, os centros dinâmicos tomam cada um o seu lugar no segundo organismo.

— Está bem, compreende-se. Mas quando êste morre por seu turno, o que é que acontece a todos esses centros dinâmicos aglomerados no aerosoma?

— Quando morre o segundo organismo, o aerosoma, todas as esféras desaparecem, os gazes rarefeitos que elas contém dissipam-se e as partículas existentes

em suspensão nestes gases dispersam-se. O centro dinâmico em questão é uma destas partículas.

— Sendo assim, com a dispersão dos centros dinâmicos deve realizar-se, também, a dispersão da própria vida e, portanto, o aniquilamento da consciência. Não é verdade?

— De maneira nenhuma! O centro mais elevado do campo de fôrça, no qual todos os outros estavam contidos, atrai-os logo após a dispersão e centraliza-os em si. Os centros secundários retêm, da mesma forma, certo número de terciários e êstes últimos, de maneira semelhante, capturam os centros celulares. O todo, concentrando-se numa espécie de molécula mais ou menos complexa, é o que eu denomino «molécula-germe». Esta formação da molécula-germe, como notará, tem determinadas semelhanças com o pangenésio de Darwin.

O grande naturalista admitia já, mesmo sem prova experimental concreta, que de cada célula do organismo se destacava uma partícula, que se deslocava nesse organismo até aos órgãos genitais. Isso quer dizer, em linguagem mais clara, que todas as gêmulas se reunem para formarem o germe.

— E será assim?

— Na minha forma de ver, as gêmulas são reavidas pelos centros dinâmicos e é precisamente depois da morte do sarcosoma e não durante a sua vida, que elas se agregam, como já expliquei, para formarem o germe. Só depois, como suponho ter demonstrado, é que elas se entregam aos órgãos genitais de um ser vivo.

— No óvulo feminino, depois de convenientemente fecundado?

— Nem sempre. E' por isso que elas, às vezes, não são absorvidas pelas células reprodutoras que atingem e ficam inertes, acabando, mais tarde ou mais cedo, por serem arremessadas ao exterior.

— E morrem?

— Qual coisa! Renovam a tentativa e se o órgão em que penetram oferece condições favoráveis à sua evolução...

O que sucede?

— Então avolumam-se, dilatam-se, e cada centro composto enche-se de protoplasma.

— E se o meio é impróprio, como sucedeu há pouco?

— Voltam a dispersar-se de novo e buscam outro organismo.

— Sempre assim, até encontrarem um meio que lhes permita evoluir?

— Exatamente. E o organismo que ofereça condições favoráveis à molécula germe, demonstra ao observador que não difere da espécie a que ela própria pertence, isto é, que tem uma forma e uma estrutura semelhante aquela que a molécula-germe deve engendrar no futuro. Não é, pois, a hereditariedade, a suposta transmissão dos ascendentes aos descendentes, que origina, no semelhante, as características da semelhança.

— E' curioso.

— Acha? Pois ainda não é tudo. O psicolono que, após a morte do seu organismo, envolve uma molécula-germe pronta a evoluir (psicolono condensado), tinha forçosamente já evoluido, numa certa medida, antes do organismo libertado.

— De onde veio, então?

— De um outro organismo por êle próprio construido.

— Como será êsse organismo?

— Da mesma forma e estrutura que êle continua a procurar para poder evoluir.

— Mas então o organismo é anterior ao psicolono condensado, o que, à luz da teoria que aponta, se me afigura absurdo!

— Absurdo, não; difícil de explicar, que é um pouco diferente. De fato, para construir o primeiro organismo, êle tinha começado por ser uma simples molécula-germe.

— E a origem dessa molécula-germe?

— Acha-se, com certeza, numa procedente evolução.

— Extra-terrestre, num outro mundo inferior ao nosso?

— Talvez, mas eu não quero nem devo sair do terreno sólido das ciências naturais. Por isso, limitar-me-ei a dizer-lhe que o psicolono do homem realizou um grande número de vezes a embriogénese da sua espécie.

— Sempre da mesma espécie?

— Sim, da mesma espécie... no momento presente para êle. De resto, uma das leis de embriologia ensina-nos que a autogénese é como a repetição forçada da filogénese que se produziu no longo decorrer de todos os tempos geológicos. Por outras palavras: Todo o ser atrai, na sua embriogénese, os diferentes tipos de adultos que a sua espécie realizou na marcha

ascencional da sua evolução geológica. Esta lei, um pouco modificada pela aquisição recente de novos conhecimentos, pode, agora, enunciar-se dêste modo: cada indivíduo, pelas transformações embrionárias, realiza os diferentes tipos de seres adultos que realizou nas suas vidas anteriores ao longo do curso das idades, tipos êstes cujo encadeamento sucessivo desenha a linha contínua da sua própria evolução.

Se o psicolono venceu um grande número de vezes e se êle, um grande número de vezese, também, construiu o seu próprio organismo, é claro que se habituou a construí-lo e não tem nada de extraordinário que êle conseguisse construí-lo com tamanha rapidez. Êle deve saber como se procede para chegar o mais rapidamente possível, partindo do simples óvulo, à formação definitiva da sua espécie.

Toda esta reconstrução é devida à memória orgânica ou fisiológica de que se acha impregnado o psicolono em evolução.

E a concluir:

— Tal é a explicação rigorosa que, no estado atual das ciências, a embriogénese nos pode fornecer. E eu desafio os biologistas a substituí-la por outra que, à face do rigor científico empregado por mim, possa mostrar-se melhor.

Todos têm o dever de notar que eu, para resolver o problema da sobrevivência do homem e da pluralidade, que demonstrei, das suas vidas sucessivas, não recorri à teodiceia nem aos argumentos da moral, mas que me baseei únicamente nos conhecimentos já adquiridos pelos sábios — através da biologia e de outras ciências naturais.

. . . . . .

E aí fica, em poucas linhas, o resumo dos ensinamentos de um grande mestre, a propósito do transcendente problema da sobrevivência do sêr.

Crônica Estrangeira

Passou ao lado da Verdade e não a viu

O *Times* publicou e *Revue Spirite* reproduziu um artigo subscrito por «um octogenário» e intitulado «A Morte e seu dia seguinte». O artigo não é espírita, mas aí se encontram muitas cousas boas ao lado dum evidente desdem por nossas crenças, o que não impede o reproduzamos parcialmente:

«Muitas pessoas, eu o suponho, quando atingem a idade avançada, começam a pensar no fim inevitável, que lhes parecia tão distante durante o estio da vida, quando estavam em plena fôrça e trabalhavam corajosamente. Que fim será êsse? perguntam. Será a morte o Rei Espantalho ou o Anjo do Livramento? Que haverá por trás dela, no desconhecido? Êsse «desconhecido» cujo segredo os homens quiseram desvendar, em todos os tempos, mas que nada revelou, nada absolutamente preciso, a despeito da imaginação de poetas, profetas, padres, videntes, feiticeiros, e apesar dos pios confôrtos da religião!... De Balaão à possessa de Endor, dos quiromantes aos adivinhos e aos espíritas de hoje, êsses que professam conhecer o futuro e estarem em comunicação com o mundo invisível, sempre encontraram ouvintes complacentes e crédulos. O que podem eles nos dizer? Nada. Nós cremos, nós esperamos uma vida para lá do túmulo. Mas ignoramos todos seus detalhes. A Biblia nada nos diz. Quem nos póde esclarecer sôbre a câmara tenebrosa da qual passaremos ao vale gelado? Foram impressos muitos livros, que ensinam os nobres processos de morrer, em que estão reunidas as rezas pelos agonizantes. Mas aí não se encontra a menor luz sôbre o «outro lado». E' que tal conhecimento é, infelizmente, inacessivel. Nenhuma informação nos chega do Além. Sómente aqueles dentre nós que passaram por mortos podem tentar dizer o que é o grande Limiar. Sua volta à vida foi permitida para exprimirem a idéia que da morte puderam formar.

Eu sou um dêsses. Passei pela experiência de quasi morrer, e posso afirmar que a morte absolutamente nada tem que possa infundir terror. «Morrer,

escreve Bacon, é tão natural quanto o nascer... O homem teme a morte como a criança teme a escuridão. A meu ver, o que tornou a morte tão tétrica, é a pompa fúnebre que a rodeia».

Pompa Mortis Magis Terret Quam Mors Ipsa

O valente octogenário provavelmente morrerá sem maiores informações do que será seu fim. Êle o saberá *depois*. Nós, espíritas, nós o sabemos *antes*, é esta a nossa fôrça, e é esta o nosso júbilo. Êle não leu bem a sua Biblia. Esta lhe informaria que o «após-morte» nela está definido em termos precisos e justamente concordantes com os ensinos dêsses grandes espíritos que o velho britânico inconsideradamente compara com quiromantes de esquina de rua e ledores da buenadicha. O conhecimento do Além é, em certa medida, acessível, se bem êle julgue o contrário, visto já estarmos de posse de luzes sôbre o outro lado. Onde êle tem razão, é quando diz: «Eu vi a morte de perto; o que não é cousa tão terrível». Êle veria que ela ainda é bem menos temível, apesar das pompas fúnebres, se tivesse, como nós, a felicidade de saber quão radiosas portas ela abre para o infinito. Para o cêptico autor, fazemos os votos mais fraternais, no sentido que, ao transpôr, uma noite, o limiar, não se sinta muito surpreendido ante o espetáculo que se oferecerá a seus olhos e que só sinta um pequeno pesar, o de ter enviado ao *Times*, um artigo em que passou bem ao lado da verdade, sem a ver.

*

Ainda acreditam no Dia do Julgamento

«Psychic News»

A Igreja Católica Romana sempre considera o Espiritismo como inimigo da Fé, e declara que nossos conhecimentos, relativos ao que acontece após a morte, emanam de maus espíritos, disfarçados.

O que pensarão inteligentes católicos — e muitos deles existem — da origem dos conhecimentos do Dr. Arendzen como se depara em seu sermão publicado no «Catholic Times»?

Arendzen pretende conhecer exatamente o que sucede a todos os que são destinados ao céu, e delineou toda sua história post-mortem, do momento em que morrem até o Dia do Julgamento:

«Nós o veremos (Jesus) primeiramente de modo misterioso imediatamente após á nossa morte, naturalmente não com nossa vista corporal, mas por alguma percepção mental, uma espécie de visão de que agora não podemos fazer idéia. Seremos julgados por Jesus e o conheceremos...

Depois do Purgatório

«De novo o veremos de outra maneira, no momento em que deixarmos o purgatório. Então, ao clarão da glória de sua divindade, o contemplaremos face à face, veremos Sua sagrada Humanidade em que a Divindade habita corporalmente. Certo, a nossa visão ainda será sómente aquela percepção mental misteriosa, de que não temos idéia precisa, agora sôbre a terra, embora alguns dos Santos O tenham visto nesta vida.

Finalmente, quando no último dia surgirmos dos mortos e recuperarmos nossos corpos, quando de novo o contemplarmos com êstes nossos olhos e ouvirmos com êstes nossos ouvidos, aguardaremos sua vinda gloriosa sôbre as nuvens do céu, então verdadeiramente o perceberemos de modo humano, como foi visto pelos homens da Galiléia, apóstolos e discípulos, efetivamente como O viu Sua Santa Mãe quando com êle morava em sua casinha de Nazaré, e como ela agora continua a vê-lo, porque já está de corpo e alma, no céu desde sua assunção.

Naquela ocasião se revelará a nós mais maravilhoso do que se manifestou a Pedro, Tiago e João no Monte Tabor. Então nos mostrará as chagas de suas mãos e pés e a grande chaga da lança».

Grande surpreza aguarda o Dr. Arendzen

Grande será a surpresa de Arendzen, quando, ao morrer, descobrir que Jesus não o julgará — quando verificar que será êle seu próprio juiz que proferirá a sentença: punição ou recompensa.

Quão grande será o seu assombro ao descobrir que jamais tornará a entrar em seu corpo material porque progrediu para um estado em que já não necessita do corpo carnal.

Talvez então, procurará voltar a êste mundo para dizer aos outros católicos quão grande fôra o seu êrro. E êstes que na terra lhe deram crédito, hão de supor tratar-se de um mau espírito disfarçado em Arendzen, e rejeitarão toda sua comunicação.

⁂

Uma grande prova da sobrevivência

De «Estudos Psíquicos»

Maurice Barnell descreve em *Two Worlds* uma extraordinária prova da sobrevivência, como tem havido poucas em sessões espíritas. Diz êle:

«Jean Stone é orgulhosa possuidora de uma prova raríssima, talvez única, da sobrevivência: a assinatura espiritual de seu marido, escrita por êle recentemente numa sessão.

«Esta senhora é uma figura proeminente na Jewish Psychic Society (Sociedade Psíquica Israelita) que tem consolado muitas pessoas enlutadas com provas da sobrevivência que só a mediunidade póde oferecer e recebeu esta tocante prova numa sessão com o médium John Scammell, na sua casa de Londres.

«Através da trombeta, um dos guias do médium anunciou que desejavam tentar uma experiência. Depois, quando outro guia estava a falar, a trombeta dirigiu-se para a senhora com uma caneta de tinta permanente que lhe pertencia. Depois, veio o pedido de se afastarem, que o Cap. «Uncle Fred» queria escrever.

«Quando ela se ofereceu para ir buscar papel para o efeito, o guia respondeu que êle próprio o forneceria. E outra vez a trombeta se lhe dirigiu com a folha dobrada de um jornal que se encontrava no bolso do médium e que mais tarde viram ser uma carta recebida por Scammell.

«Depois, uma espécie de mão elástica pegou na pena e no papel que estavam encostados a uma placa luminosa para melhor controle e os assistentes observaram fascinados êsse movimento e viram a mão escrever no papel. O resultado foi a cópia perfeita da assinatura de seu marido, escrita duas vezes «Fred H. Stone». Os dois únicos documentos em que esta assinatura aparece são o seu passaporte e a certidão de casamento, nenhum dos quais o médium tinha visto.

«Jean Stone mostrou-me as duas assinaturas em questão escritas no verso de uma carta dirigida a Scammell e que eu comparei com a assinatura da sua certidão de casamento. *Eram idênticas e claramente feitas pelo mesmo indivíduo.*

«Agora, Jean diz e com razão que possúe um testemunho permanente da sobrevivência de seu marido que nem o maior céptico poderia explicar».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Notícias de S. Paulo

Centro Espírita Ubiratan

A 29 de Novembro p. p. realizou-se em meio ansiosa espectativa, a solenidade inaugural da nova séde social do Centro em epígrafe, instalado a Rua Ipanema, 342-344. Uma assistência numerosa compareceu às novas instalações da casa, que está sob a firme orientação de abnegados companheiros, crentes sinceros da 3.ª Revelação Divina.

Precisamente às 20,30 hs. o Presidente, confrade Romualdo Joaquim Martins, toma a palavra, dirigindo uma saudação ao ilustre Allan Kardec, o sábio filho de Lyon. Leu belissima parte de sua biografia, causando satisfação a todos. A seguir, falou o Secretário, Viriato Villaça Porto, que fez um retrospecto das atividades dos elementos da casa, cada qual em seu setor, prestando des-

tarte, homenagem aos que têm contribuido para a causa de Jesus.

Depois, fez-se ouvir o amigo Armando Jorge Martins, que dissertou sôbre uma lindíssima lenda oriental, pedindo aos confrades, que cada um, dentro de suas possibilidades, se esforce no sentido da prática da Doutrina.

Por fim, como convidado extra, assomou à tribuna, a figura simpática de Aidar Néto, irmão muito querido e ligado a Cairbar Schutel. Além de dirigente de um centro no bairro do Braz, colabora eficazmente na obra da redenção humana, material e espiritualmente.

Os oradores foram aplaudidos calorosamente.

Na 2.a parte, desenrolou-se um interessante programa artístico. Dentre os artistas «grandes e pequenos», estes levaram a melhor. E não podiamos deixar de registrar aqui, em letras de ouro, a pianista de 7 anos, Autair Maria Rodrigues da Cunha, que executou a «Sonata de Mozart», e o inteligente garoto, Adelino Zelante, filho do casal de confrades e amigos, Angelo e Odete Zelante, o qual executou ao violino — «Intermézzo» — da Cavalaria Rusticana, de Mascagni, e «Viuva Alegre» de Lehr.

Essas crianças prodígios são alunos do Professor Rodrigues da Cunha, operoso confrade, musicista emérito, compositor, que ainda foi o locutor oficial dessa noitada inesquecível.

Como diziamos, nós, modestos cultores da música dos Mestre, ficámos eletrizados com tais crianças, e não erramos em afirmar estar reservado um futuro radioso a êsses precursores do Terceiro Milênio. Também admiramos a *verve* do confrade Romualdo, que recitou poesias de Guerra Junqueiro e Vicente de Carvalho.

Nós, obscuramente, declamamos, algo mediúnico, recebido por «acréscimo e misericórdia». Ainda temos a registrar aqui, uma poesia de Godoy Paiva, «A Mulher do Benjamin», muito graciosa e de «humour» reincarnacionista.

Dna. Alice Reis executou «O Despertar da Montanha» e a Snrta, Celeste Corrêa, a composição «Horas Tristes, em sólos de piano. Theodomiro Rodrigues da Cunha (Nenê), deu-nos «A Dança do Fogo» — de De Falla, colaborando ainda, a diléta filha e mais a Exma. Esposa do Prof. Rodrigues da Cunha em números de piano, declamação, etc.

O Trio Horácio, Abel, Waldemar deu a nota em músicas e canções folclóricas. No final da reunião festiva, distribuiram-se flores às damas e senhorinhas, como lembrança da festinha.

A Revista Internacional do Espiritismo, saúda os dirigentes e consocios do Ubirantan, e lhes deseja novos dias de paz, trabalho e prosperidade espiritual.

Vicente S. Neto.

Conselho Deliberativo Estadual

Súmula da Ata da Sessão de 23 de Novembro de 1952

Regimentos : — Aprovados, provisóriamente, os Regimentos Internos e Regulamentos da UMES e UDES, Conselhos Regionais, Metropolitano e Deliberativo Estadual, ficando a discussão e votação definitivas para a reunião a ser realizada no mês de Janeiro vindouro, depois de recebidas as sugestões que possam ser enviadas pelos órgãos constitutivos da USE, dentro do prazo máximo de trinta dias, contados da data de recebimento dos ante-projetos aprovados.

Departamentos : — Criação do Departamento de Finanças e do Departamento Social, além daqueles expressamente previstos pelos estatutos em vigor.

Sub-Departamentos : — Criação do Sub-Departamento de Esperanto, integrado no Departamento de Educação; e do Sub-Departamento de Pesquisas Psíquicas, integrado no Departamento de Doutrina.

Jornal da USE: — Angariação de recursos por meio de listas a serem distribuidas pela Diretoria Executiva aos Conselhos Regionais e Metropolitano, afim de garantir a publicação do órgão oficial da USE: «Unificação» — durante o prazo mínimo de um ano, tendo em vista evitar solução de continuidade.

Contribuições : — Estabelecimento da contribuição mínima de Cr. $ 20,00 mensais pelas sociedades e instituições espíritas congregadas, afim de atender as despesas das UMES e Conselhos Regionais no Interior do Estado; UDES e Conselho Metropolitano na Capital.

Contribuição de Cr. $ 1,00 por as-

A
Revista Internacional
do Espiritismo

augura aos seus prezados leitores, contribuintes, colaboradores e auxiliares, um Ano Novo cheio de prosperidades espirituais, muita paz e fraternidade.

1—1—1953.

sociado das sociedades espíritas congregadas, feita no ato do pagamento das mensalidades, por meio de um selo especialmente confeccionado pela USE e distribuidos pela Diretoria Executiva, Conselhos Regionais, Metropolitano, UMES e UDES, cujos órgãos constitutivos ficarão, igualmente, incumbidos da arrecadação e contrôle.

Os que desejarem, poderão adquirir mais de um selo, no ato do pagamento de suas mensalidades. O produto dessa arrecadação será remetido diretamente à Diretoría Executiva da USE, por intermédio dos seus organismos, afim de que a entidade Unificadora possa atender ás suas múltiplas atividades em favor do movimento espírita em geral.

Semanas Espíritas: — Recomendar aos Conselhos Regionais para que planifiquem «Semanas Espíritas» nas respectivas Regiões, patrocinadas pelas UMES, à base de um programa préviamente estabelecido em concordância com a direção central da USE, tendo em vista a coordenação dêsse trabalho, sua objetividade e eficiência. Os Conselhos Regionais, sempre que possível, indicarão os oradores tirados dos seus próprios quadros, que representarão a USE nas comemorações, festividades e «Semanas Espíritas», realizadas nas suas jurisdições.

Subvenções: — Providências no sentido de se conseguir subvenções dos governos Municipal, Estadual e Federal, em pról das finalidades da USE.

Radio Piratininga: — Solicitação à União Federativa Espírita Paulista para que se digne atender ao pedido de informações sôbre a extinta «Rádio Piratininga», formulado pelo 3.º Congresso Espírita Estadual.

Congratulações: — Congratular-se com a Comissão Promotora da vinda do Prof. Pietro Ubaldi para o Brasil, tendo em vista a grande importância dêsse acontecimento.

—

São essas, em resumo, as decisões tomadas pelo Conselho Deliberativo Estadual da USE, em sua primeira reunião no atual período administrativo.

—

Os conselheiros tomaram conhecimento do PLANO ANUAL DE TRABALHO, elaborado pela Diretoria Executiva, afim de orientar suas atividades construtivas, o qual será distribuido a todos os organismos da USE.

—

No início da reunião, a Diretoria Executiva apresentou um suscinto relatório dos trabalhos realizados no primeiro mês de sua gestão.

Fraternalmente,
USE
União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.
Diretoria Executiva

Carlos Jordão da Silva.
Secretário Geral.

Noticiário da USE

Reunião do C. D E. — O Conselho Deliberativo Estadual da USE, com a participação dos Conselheiros Regionais, Metropolitanos e das entidades inicialmente patrocinadoras, reuniu-se no dia 23 de Novembro p. passado, tomando importantes decisões para andamento do trabalho de Unificação. A quantidade e qualidade das deliberações, foram altamente significativas, conforme se poderá verificar pela súmula que será brevemente remetida a todos os órgãos constitutivos desta Instituição Unificadora do movimento espírita estadual.

Conselhos Regionais, Metropolitano, Umes e Udes: — Êstes organismos que integram a USE, estão em franca atividade Unificadora, realizando suas reuniões mensais nas respectivas sédes, cumprindo e fazendo cumprir disposições estatutárias e regimentais.

Atendendo à solicitação feita pelo representante da 4.ª Região, a direção

central da USE se fez representar na reunião do Conselho Regional Espírita do Vale do Paraíba, no dia 30 de novembro findo, pelo Dr. Manoel de Paula Cerdeira, o qual percorreu várias cidades da Região, realizando palestras doutrinárias e orientando UMES e sociedades congregadas.

Expediente:

O Expediente normal da USE, em sua séde social, na rua Santo Amaro, 362, na Capital do Estado, está sendo feito ininterruptamente, das 8,30 ás 18,30 horas, nos dias uteis e das 9 as 12 horas nos domingos, atendendo nesses períodos aos dirigentes dos organismos que a constituem, as sociedades congregadas e aos confrades em geral.

Os Moradores estão assombrados...

Todo mundo leva pedrada entre 19 e 24 horas, até o próprio Delegado...

FORTALEZA, 29 (N. P.) — Continuam os fantasmas da rua Tristão Gonçalves a atirar pedras sôbre três das casas residenciais que ficam entre as ruas Antonio Pompeu e Domingos Olimpio. Todas as noites cai uma verdadeira chuva de pedras nas referidas habitações e os moradores dalí continuam assombrados. Todo mundo leva pedrada de 19 até 24 horas. Até a polícia já foi apedrejada e ninguém sabe de onde procedem as pedras que se projetam dentro das moradias em referência.

Assombrações ou gatunos? Eis o que perguntam a todo instante os circunstantes. Alguém disse já ter visto vulto nos telhados. Outros afirmam que são assombrações. O certo é que até o delegado da Ordem Política e Social já levou pedradas.

—

ESCAVOU A TERRA E ENCONTROU OURO E PEDRAS PRECIOSAS...

SALVADOR, 28 (Asapress) — Informam de Buirarema, que o lavrador Manuel Porfirio da Silva, recebeu, em sonho uma mensagem de seu tetra avô, pedindo que cavasse, em determinado lugar uma profundidade de 10 metros, que encontraria um peneiro cheio de moedas de ouro e outras joias de valor. A mensagem, segundo o felizardo, pedia que fôsse sozinho.

Manuel Porfirio da Silva dirigiu-se ao lugar indicado e cavou a profundidade mandada, gastando para atingi-la três dias, quando, então, encontrou o peneiro cheio de ouro e pedras preciosas.

A fortuna encontrada monta em mais de cinco milhões de cruzeiros e está sendo vendida a particulares pelo seu proprietário.

Do «Correio Paulistano», de 30-12-52.

Federação Espírita do Estado de São Paulo

Umbanda, Terreiro e outras práticas

Para esclarecer o povo e como órgão orientador do Espiritismo Estadual esta Federação declara o seguinte:

1.º) — As práticas de Umbanda, terreiro e outras, que se estão radicando no Estado, não são práticas de Espiritismo verdadeiro, porque êste visa esclarecer e purificar os homens, impulsionando-os na ascese evolutiva, enquanto que aquelas não têm as mesmas finalidades e consequências, mesmo não realizando o mal, agem para satisfazer paixões e interêsses materiais.

2.º) — O Espiritismo é uma doutrina científico-filosófica-religiosa, sem ritos, dogmas, cerimônias, com base moral no Evangelho de Jesus Cristo, enquanto que referidas práticas são um sincretismo religioso de carácter inferior; um conjunto de ritos e cerimônias, com exterioridades copiadas de outras religiões, crendices ou superstições de povos primitivos.

3.º) — O fato de haver naquelas práticas manifestações de mediunismo não lhes assegura o direito de se intitularem de Espiritismo porque a posse de faculdades psíquicas é comum a qualquer indivíduo, independentemente do credo religioso que professe.

4.º) — O termo «Espiritismo» foi usado para designar a Doutrina dos Espíritos, isto é: o conjunto de conhecimentos e normas postos em sistema e que formam a Codificação feita na França, no século passado. O que fundamentalmente

caracteriza esta doutrina é o imperativo de reforma moral exigida dos adeptos.

5.º) — Em consequência esta Federação recomenda aos Centros Espíritas que lhe são filiados que se oponham à infiltração dessas práticas em suas instituições, visto serem desaconselháveis; e quanto aos Espíritas em geral adverte a que não frequentem tais trabalhos por serem retardadores da evolução espiritual.

Estas recomendações visam defender a doutrina na sua pureza e unidade, segundo a Codificação elaborada pelo insigne missionário Allan Kardec e os ensinamentos dos seus legítimos seguidores.

São Paulo, 2 de Maio de 1952.

A DIRETORIA.

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da Sessão realizada em 6 de Dezembro de 1952

Retificação de Ata — O representante de São Paulo pede seja retificada a ata de Novembro, na parte referente ao pedido da USE, relativamente a atividade do Umbandismo, para que conste o seguinte: «O representante de S. Paulo sugere ao Conselho Federativo Nacional providências junto às entidades nêle representadas, no sentido de, por meio de ampla divulgação da doutrina codificada por Allan Kardec, esclarecer o público em geral sôbre a diferença existente entre Espiritismo e Mediunismo, procurando desta forma salvaguardar a conceituação do termo «Espírita», dada a existência de práticas mediúnicas sem base nem conteúdo doutrinário, rotuladas de Espiritismo, mas contrariando frontalmente os salutares princípios da Doutrina Espírita. Apelar para as ditas entidades de âmbito estadual para promoverem um esfôrço no sentido de, por meios suasórios e evangélicos, conseguirem, dentro do possível, a melhoria das práticas mediúnicas e orientação doutrinária das sociedades filiadas afim de que sejam escoimados do movimento espiritista o sincretismo religioso e outras práticas mediúnicas discordes do Espiritismo, mas que usam, indevidamente, a designação Espírita, ao invés dos nomes que lhes são próprios, acobertando-se sob o manto da 3.ª Revelação, acarretando descrédito e comprometendo o movimento espírita genuínamente doutrinário, baseado nos Evangelhos de Jesus-Cristo».

Advertência às Sociedades Espíritas — O Conselho Federativo Nacional resolveu aconselhar a todas as Sociedades espíritas que não tomem parte em reuniões alheias ao movimento espírita e que se apresentam como apregoadores da «paz».

Propaganda Radiofônica — O conselheiro Lauro Salles, em nome do confrade Nelson Batista de Azevedo, comunica ao Conselho a instituição, no programa radiofônico «Seleções Espiritualistas», de uma secção destinada ao movimento espírita nos Estados, através dos respectivos representantes no Conselho.

IV Congresso de Confraternização do Estado do Rio de Janeiro — O presidente apresenta o convite e programa de um IV Congresso de Confraternização de Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, resolvendo o Conselho delegar ao representante da Federação Espírita do Estado do Rio poderes para com esta Entidade resolver o assunto.

Doutrina Espírita e Mediunismo — Tomando conhecimento da solicitação da USE, o Conselho aprovou, por maioria absoluta, a resolução seguinte, proposta por Aurino Souto, representante da Liga Espírita do Distrito Federal: «O Conselho Federativo Nacional, embora reconhecendo que várias seitas religiosas, que se servem da mediunidade nas suas práticas, são respeitáveis, declara, no entanto, que a Doutrina Espírita se fundamenta na codificação kardequiana, no seu tríplice aspecto».

Rio Grande do Sul — Pelo representante da Federação Gaúcha é lida parte da circular número 12 daquela entidade aos seus adesos, na qual são lembradas medidas de elevado alcance para a boa orientação das práticas doutrinárias nos ditos Centros.

Jesus disse que o bem que deixamos de fazer aos pequeninos, é a Êle que o deixamos de fazer. Isto quer dizer que Jesus está representado nos humildes, sofredores e necessitados. — MARIQUINHAS.

ÍNDICE

Das matérias contidas no 28.º ano da

Revista Internacional do Espiritismo

(Fevereiro de 1952 a Janeiro de 1953)

N.º 1 — FEVEREIRO DE 1952

		Pag.
Mais um passo para a frente	*Redação*	*1*
Hereditariedade Psíquica	*Carlos Imbassahy*	*2*
Patrimônio Sagrado	*Pereira Guedes*	*5*
Felicidade às Avessas	*Leopoldo Machado*	*7*
Significação da Obra Mediúnica	*Arnaldo S. Thiago*	*8*
Vamos Meditar ?	*Major Levino C. Wischral*	*9*
O Espiritismo transpõe o Atlântico	*Dr. Antonio J. Freire*	*12*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*15*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*17*
Espiritismo no Brasil	«	*19*

N.º 2 — MARÇO DE 1952

O Perispírito ou Corpo Espiritual	*Redação*	*25*
Uma serva de Jesus	*Major Levino C. Wischral*	*27*
Comparando	*Pereira Guedes*	*30*
Os mortos falam	*Wanderley Cabral*	*32*
Ulceras Fantasmas	*Odilon José Ferreira*	*34*
Será nossa Alma uma glândula à parte em nosso corpo ?	*Gumercindo Lopes Coimbra*	*35*
O Corpo Astral fotografado no momento da morte	*M. P. Wan Walt*	*36*
Salve Grande Missionário !	*Max Kohleisen*	*41*
Evangelho e Paz	*Lima Filho*	*42*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*44*
Espiritismo no Brasil	«	*47*

N.ºs 3 e 4 — ABRIL e MAIO DE 1952

O Espiritismo, o Evangelho e a Imortalidade	*Redação*	*49*
Lutando pela Paz	*Pereira Guedes*	*50*
A Allan Kardec	*Leopoldo Machado*	*51*
A Dupla Personalidade — Regressão da Memória	*Carlos Imbassahy*	*53*
Prodígios do Pensamento	*Major Levino C. Wischral*	*55*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*57*
Dr. Lins de Vasconcelos	*Alfredo d'Alcântara*	*59*
Os «Poltergeister»	*Max Kohleisen*	*60*
«Em uma só palavra : Amor»	*Natalio Ceccarini*	*62*
O Espiritismo e a Assistência Religiosa	*Deolindo Amorim*	*63*
Manifestação Ectoplásmica de Napoleão sôbre um Cavalo Branco	*De «La Stampa»*	*66*
Uma Grande Perda ?	*Leopoldo Machado*	*67*

Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 68
Espiritismo no Brasil . . . . . « 71

N.º 5 — JUNHO DE 1952

Um Grande Movimento . . . . *Redação* 77
O Espiritismo e a Assistência Religiosa . *Deolindo Amorim* 78
Ainda e sempre na defesa do Espiritismo *Pereira Guedes* 80
Vida Orgânica e Vida Anímica . . *Alfredo d'Alcântara* 82
Isto também é Caridade . . . . . *Major Levino C. Wischral* 84
A Bezerra de Menezes . . . . . *Leopoldo Machado* 86
Pelas Sendas do Mistério . . . . . *Dr. J. W. Tedor* 88
Um Caso de Possessão . . . . . *Arnaldo S. Thiago* 90
Mais um fenômeno de «Poltergeist» . . *Max Kohleisen* 91
Finalidades Cristãs dos Congressos . . *J. B. Chagas* 92
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 94
Espiritismo no Brasil . . . . . « 97

N.º 6 — JULHO DE 1952

Fenômenos de Regressão da Memória . *Redação* 102
Devaneios no Porvir . . . . . *Major Levino C. Wischral* 103
A Dupla Personalidade—Os Casos Clássicos *Carlos Imbassahy* 106
Finalidades Cristãs dos Congressos . . *J. B. Chagas* 108
Espírito e Matéria . . . . . *Arnaldo S. Thiago* 110
Catolicismo odiento e odioso . . . *Manoel J. Silva Pinto* 114
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 116
Espiritismo no Brasil . . . . . « 120

N.º 7 — AGOSTO DE 1952

O Espiritismo e o Espírito de Sistema . *Redação* 125
A Dupla Personalidade — O Caso de Miss Beauchamp . . . . . *Carlos Imbassahy* 126
Finalidades Cristãs dos Congressos . . *J. B. Chagas* 129
O remédio infalível na cura da embriaguez *Pereira Guedes* 130
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado* 132
Retrato Atual . . . . . *Major Levino C. Wischral* 133
Costumes Obsoletos . . . . . *Arnaldo S. Thiago* 134
A' Guisa de Prefácio . . . . . *Redação* 136
Obsessão e sua cura . . . . . *De «Light»* 137
Vitam Impender Labor . . . . . *Leopoldo Machado* 138
Era Nova na Ciência . . . . . *Yvone de Sousa* 139
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação* 142
Espiritismo no Brasil . . . . . « 144

N.º 8 — SETEMBRO DE 1952

Fenômenos obtidos pelo Dr. Bayol . . *Redação* 150
E' assim sua mediunidade ? . . . . *Major Levino C. Wischral* 151
O desenvolvimento de uma grande mediunidade . . . . . *Ismael Gomes Braga* 153
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado* 155
Estados diferentes das Almas e suas moradas *João Martins Diogo Junior* 157
Amai-vos uns aos outros . . . . . *Godoy Paiva* 158
Sociedade Brasileira de Filosofia . . . *Do «Jornal do Comercio»* 163
Inspiração ou dom mediúnico ? Coincidência ? *Arnaldo S. Thiago* 165
Leopoldo Machado e seus livros de 1952 *Redação* 166

Crônica Estrangeira . . . . . Redação 167
Espiritismo no Brasil . . . . . « 170

N.º 9 — OUTUBRO DE 1952

3 de Outubro . . . . . Redação 173
Colonia Coletora de Preces . . . . Major Levino C. Wischral 174
O desenvolvimento de uma grande mediunidade . . . . . Ismael Gomes Braga 177
A Quinta Fase . . . . . Leopoldo Machado 179
Ao grande e ao pequeno trabalhador . Gilson M. Henriques 181
Nêste momento decisivo da História . . Arnaldo S. Thiago 182
O Pentecostes segundo o Espiritismo . João Teixeira de Paula 186
Livros e Autores . . . . . Leopoldo Machado 188
Os órgãos do corpo espiritual . . . W. H. Evans 190
Crônica Estrangeira . . . . . Redação 192
Espiritismo no Brasil . . . . . « 194

N.º 10 — NOVEMBRO DE 1952

«A Morte é a porta da Vida» . . . Redação 197
O desenvolvimento de uma grande mediunidade . . . . . Ismael Gomes Braga 198
A terrível ameaça em dia . . . . Leopoldo Machado 200
Aldeotas Espíritas . . . . . W. Vieira 201
A Máquina e o Condutor . . . . Viriato Carneiro Lopes 204
A Técnica da Materialização à luz do dia Amy Marchall 205
A verdadeira obra de redenção . . . Nair d'Oliveira Loureiro 207
Contra Fatos... . . . . Spártaco Banal 209
Livros e Autores . . . . . Leopoldo Machado 210
Benedicta Fernandes . . . . . Ismael Gomes Braga 212
Crônica Estrangeira . . . . . Redação 214
Espiritismo no Brasil . . . . . « 217

N.º 11 — DEZEMBRO DE 1952

A propósito do Natal . . . . . Redação 221
O desenvolvimento de uma grande mediunidade . . . . . Ismael Gomes Braga 222
Exercitos fantásticos e combates aéreos . Francisco Klörs Werneck 224
Obras do Alto . . . . . Leopoldo Machado 227
Porque «Graças a Deus ?» . . . . Major Levino C. Wischral 229
Os grandes conflitos do pensamento moderno Dr. Maurice Delarrey 232
Almas algemadas à Terra . . . . E. Oaten 234
A Sobrevivência do Homem . . . . Dr. Martins de Oliveira 236
Crônica Estrangeira . . . . . Redação 240
Espiritismo no Brasil . . . . . « 243

N.º 12 — JANEIRO DE 1953

Relembrando uma Data . . . . . Redação 245
O desenvolvimento de uma grande mediunidade . . . . . Ismael Gomes Braga 246
Leitura «Por Alto»... . . . . Deolindo Amorim 248
Sôbre o Divórcio . . . . . Carlos Imbassahy 249
Contra Fatos... . . . . Spártaco Banal 251
Educando a Alma . . . . . Major Levino C. Wischral 252
Crônicas Doutrinárias . . . . . Pereira Guedes 254

Livros e Autores	*Leopoldo Machado*	*255*
A Técnica da Materialização à luz do dia	*Amy Marchall*	*257*
Uma Grande Vida	*Francisco Klörs Werneck*	*258*
«Dante Alighieri — O Ultimo Iniciado» .	*Redação*	*260*
A Sobrevivência do Homem . . .	*Dr. Martins de Oliveira*	*262*
Crônica Estrangeira	*Redação*	*266*
Espiritismo no Brasil	«	*268*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Caminho, Verdade e Vida
Na escola do Mestre
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Um só Senhor
O Espiritismo e os Problemas Humanos
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina - 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Pai Nosso
Os Milagres de Jesus
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre	— ,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	50,00
	Semestre	— ,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

8931CL PR 02-06-07 32180 833 XL

FOR LIBRARY USE ONLY

Report to Library only